UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Trabalho e migração: estudo com jovens trabalhadores no corte da cana-de-
açúcar na região de Ribeirão Preto – SP.

André de Mello Galiano

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da
USP, como parte das exigências para obtenção
do título de Mestre em Ciências, Área de
Concentração: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO

2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Trabalho e migração: estudo com jovens trabalhadores no corte da cana-de-
açúcar na região de Ribeirão Preto – SP.

André de Mello Galiano

Vera Lucia Navarro

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da
USP, como parte das exigências para obtenção
do título de Mestre em Ciências, Área de
Concentração: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO

2010

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FICHA CATALOGRÁFICA

Galiano, André de Mello.

Trabalho e migração: estudo com jovens trabalhadores no corte da cana-de-açúcar na região de Ribeirão Preto – SP. Ribeirão Preto, 2010.

92 p.: il.; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Psicologia.

Orientadora: Navarro, Vera Lucia.

1. Trabalho Rural 2. Migração 3. Juventude 4. Cana-de-açúcar.

FOLHA DE APROVAÇÃO

André de Mello Galiano.

Trabalho, juventude e migração: estudo com jovens trabalhadores no corte da cana-de-açúcar na região de Ribeirão Preto – SP.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP-USP, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Ciências, Área de Concentração: Psicologia.

Aprovado em: ____/____/2010

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sua presença, fortalecimento diário e amor, sempre constantes em minha vida, e por mais esta conquista, pois infinitas são as bênçãos quando se acredita neste amor.

À minha orientadora, Prof.^a Dra. Vera Lucia Navarro, por sua força pessoal, seu imenso apoio e paciência, e por cada palavra de direcionamento e orientação para a realização deste estudo, sempre com brilho nos olhos, obrigado Vera.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela oportunidade e apoio para realização do presente estudo.

À minha família, com muito amor e gratidão, por seu apoio e compreensão, fundamentais para minha formação pessoal.

Aos queridos amigos, pela compreensão por minhas ausências durante o período de interação com a pesquisa, e pelo apoio neste e em tantos outros momentos de minha vida.

Um especial agradecimento à Deise Zuccolotto, Andréa Vetorassi, Dienany Cunha e Ana Lúcia Soares, pela disponibilidade de ajuda, incentivos e breves doações de tempo, que se mostraram essenciais para a concretização deste trabalho.

E aos jovens trabalhadores que participaram desta pesquisa, sem os quais a realização deste estudo não teria existido.

RESUMO

GALIANO, A. M. Trabalho rural e migração: estudo com jovens trabalhadores no corte da cana-de-açúcar na região de Ribeirão Preto-SP. 2010. 92 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

O desemprego de jovens com idade entre 16 e 24 anos no Brasil é preocupante já que os jovens desempregados nesta faixa etária no país chegam a 3,5 milhões, o que representa cerca de 45% da força de trabalho nacional. Além da preocupação com o fato de haver, ou não, oportunidades de emprego para este contingente de jovens, é necessário saber que tipo de trabalho será destinado a este grupo da população. A migração de jovens de regiões pobres do país, em especial de alguns Estados da região Nordeste, em busca de emprego na região Sudeste, tem sido uma constante na história do Brasil. Mas nas últimas décadas tem crescido a migração de jovens do Estado do Maranhão e Piauí em busca de emprego na colheita de cana-de-açúcar na região de Ribeirão Preto (SP). É desta realidade que trata esta pesquisa, que objetivou compreender como os jovens migrantes foram atraídos para o corte da cana-de-açúcar, se este foi seu primeiro emprego e o que significou para eles deixar família, amigos, escola, sua terra natal e seus projetos de vida para trabalhar em um local distante e desconhecido. O estudo buscou também conhecer como este trabalho repercutiu na saúde física e psíquica destes jovens. A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi realizada com trabalhadores rurais empregados no corte da cana-de-açúcar na região de Ribeirão Preto (SP). Foram entrevistados 14 trabalhadores de ambos os sexos, com idades entre 18 e 24 anos, migrantes do Estado do Maranhão. As entrevistas foram feitas a partir de um roteiro pré-estabelecido, com questões semi-estruturadas, visando colher idéias e informações a respeito da subjetividade desses trabalhadores. Os depoimentos relataram como ocorreu o processo de contratação, viagem e execução do trabalho nos canaviais paulistas. Os resultados obtidos revelaram a árdua rotina na colheita da cana, que se estende de segunda a sábado. Mostraram também que o grande esforço físico despendido neste tipo de atividade, aliado ao ritmo de trabalho, às condições insalubres e à extensão da jornada, trazem sérias implicações para saúde destes trabalhadores. As queixas mais frequentemente relatadas foram: dores musculares, dores na coluna vertebral, insolação, desidratação, dores de cabeça, inchaços nos braços, câimbras e tremores, além do sentimento de desapontamento com esta realidade de trabalho. Realidade contextualizada dentro da forma de pagamento por produção, que se revelou como um dos mais perversos mecanismos de exploração daqueles trabalhadores.

Palavras-chave: Trabalho rural. Migração. Juventude. Cana-de-açúcar.

ABSTRACT

GALIANO, A. M. Work and migration: study with young workers who cut cane in the region of Ribeirão Preto-SP. 2010. 92 p. Dissertation (MA) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010 (Faculty of Philosophy, Sciences and Letters of Ribeirão Preto, University of São Paulo, Ribeirão Preto, 2010).

The unemployment of young people aged between 16 and 24 in Brazil worries the country by reaching the number of 3.5 million, which represents about 45% of the national workforce. Besides the concern with the fact that will exist, or not, employment opportunities for this contingent of young, it is necessary to know which kind of work will be aimed at this population group. The migration of young people from poorer regions of the country, particularly in some states of the northeast region, in search of employment in the Southeast region, has been a constant in the story of Brazil. But in the last few decades, there has been an increase of migration of young people from the States of Maranhão and Piauí, seeking for employment in the sugarcane harvest of the region of Ribeirão Preto (SP). This is the reality that this research aimed to understand, especially the reasons that drive these young people to migration to work in the cutting of sugarcane, if this was their first job and what meant for them to leave family, friends, school, their homeland and their life projects, to work on a distant and unknown place. The study also tried to know how this work affects their physical and psychological health. The research, using a qualitative methodological approach, was conducted with rural workers employed in cutting cane in the region of Ribeirão Preto (SP). 14 employees were interviewed, of both sexes, aged between 18 and 24 and migrants from the State of Maranhão. These interviews were carried from a script pre-established, comprised of semi-structured questions. The objective was to seek ideas and gather information about the subjectivity of work in the sugarcane industry from São Paulo. The testimony reported the process of hiring, travel and execution of work in the sugarcane plantations. The results revealed the harsh routine in sugarcane harvest, which runs from Monday to Saturday. Also showed that the large physical effort spent in this type of activity, coupled with the pace of work, the unhealthy conditions and the extension of the journey, bring serious health implications for these workers. The most frequently complaints reported were muscle aches, pains in the spine, heatstroke, dehydration, headaches, swelling in the arms, cramps and tremors, besides the feeling of disappointment with this reality of work. Reality that represents payment for production, who revealed itself as one of the most perverse mechanisms of exploitation of those workers.

Keywords: Rural work. Migration. Youth. Sugarcane.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Caracterização sócio-demográfica dos atores sociais pesquisados empregados nas lavouras de cana-de-açúcar na cidade de Pradópolis (SP)	47
Tabela 2 – Frequência das categorias temáticas das verbalizações dos trabalhadores migrantes empregados nas lavouras de cana-de-açúcar na cidade de Pradópolis (SP) que caracterizam sua região de origem	49
Tabela 3 – Frequência das categorias temáticas das verbalizações dos trabalhadores migrantes empregados nas lavouras de cana-de-açúcar na cidade de Pradópolis (SP) que caracterizam os fatores que influenciaram sua decisão pela migração	52
Tabela 4 – Frequência das categorias temáticas das verbalizações dos trabalhadores migrantes empregados nas lavouras de cana-de-açúcar na cidade de Pradópolis (SP) que expressam suas condições / queixas de saúde	73
Tabela 5 – Frequência das categorias temáticas das verbalizações dos trabalhadores migrantes empregados nas lavouras de cana-de-açúcar na cidade de Pradópolis (SP) que expressam suas percepções, sentimentos e expectativas	76

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Média da produtividade individual no corte da cana-de-açúcar no período de 1970-2000.....	31
Figura 2 Comparativo entre a média e a máxima produtividade individual no corte da cana-de-açúcar, no período de 2000 a 2009, por toneladas ao dia	33
Figura 3 Comparativo da média de preços pagos por tonelada de cana, entre a região de Ribeirão Preto e as demais regiões do Estado de São Paulo	34

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1 – Mapa com localização da cidade de Pradópolis (SP)	89
Apêndice 2 – Roteiro semi-estruturado de questões para entrevistas	90
Apêndice 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	91
Apêndice 4 – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa	92

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
1.1 A problemática da pesquisa.....	21
1.2 Considerações sobre a cultura da cana-de-açúcar no Brasil.....	25
1.3 Aumento da produtividade no campo e migração do trabalhador rural	30
1.4 O universo empírico da pesquisa.....	36
2 OBJETIVOS	41
3 PERCURSO METODOLÓGICO	43
4 RESULTADOS	47
4.1 Vida e trabalho na terra natal.....	49
4.2 Fatores motivacionais para a migração	52
4.3 Deixando amigos e familiares	56
4.4 O processo migratório	57
4.5 Contratação e moradia	58
4.6 O trabalho nos canaviais.....	64
4.7 Pagamento por produção	68
4.8 O tempo livre do jovem migrante.....	70
4.9 Reflexos na saúde	72
4.10 Impressões, sentimentos e expectativas.....	76
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85
APÊNDICES	89

1 INTRODUÇÃO

Enquanto esta barbárie ocorre no mundo do trabalho, o mundo do mercado internacional coloca este mesmo país no patamar do sucesso absoluto do agrobusiness. Este é o paradoxo dos dois mundos da sociedade contemporânea. O trabalho que produz esta enorme riqueza é o mesmo que mutila e pode matar os “Severinos”, que deixam suas terras em busca da sobrevivência individual e familiar.

Maria A.de Moraes Silva

1.1 A problemática da pesquisa

Na virada do século XX para o século XXI o desemprego desponta como grave problema social e grande desafio a ser enfrentado pela humanidade. Estimativa da Organização Internacional do Trabalho (OIT) aponta que uma em cada cinco pessoas com idade entre 15 e 24 anos esteja desempregada no mundo, o que significa algo em torno de 88 milhões de jovens, que representam mais de 40% do total de desempregados. Oitenta e cinco por cento destes jovens desempregados estão nos países “em desenvolvimento”.

O desemprego de jovens no Brasil, segundo a OIT (2005), também preocupa, pois os desempregados nesta faixa etária no país chegam a 3,5 milhões, o que representa cerca de 45% da força de trabalho nacional. Além da preocupação com o fato de haver, ou não, oportunidades de emprego para este contingente, é necessário saber em qual tipo de trabalho este segmento será incluído, já que 93% dos empregos disponíveis para este grupo se encontram na economia informal, na qual se registram baixos salários, pouca ou nenhuma segurança, ínfimos benefícios, além de não haver perspectivas de crescimento (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO, 2005).

No Brasil, de acordo com Pochmann (2000), no final do século XX, os jovens com idade entre 15 e 24 anos¹ representavam cerca de 20% da população brasileira, dos quais 80% se encontravam no meio urbano e 20%, no meio rural. Ocorreu naquele período crescente aumento do movimento migratório nacional de jovens desta faixa etária, vindos, em sua maioria, das regiões Norte e Nordeste do Brasil. Em 1997 cerca de 44% desta população juvenil já vivia em moradias sem tratamento adequado de água. Logo, o desemprego e a precariedade das condições de vida dessas famílias de baixa renda exerceram influência direta junto à precoce colocação desses jovens no mercado de trabalho. Esta inserção também expressa as condições prévias da vida familiar, especialmente nas famílias de migrantes (POCHMANN, 2000).

Considerando seu núcleo familiar como responsável por sua formação primária e alicerce de suas decisões, se houver fragilidade nesta base, poderá talvez ocorrer fragilidades em sua formação como indivíduo, especialmente sem o amparo da educação. A família operária brasileira sempre foi bastante caracterizada pela participação e exploração da força de trabalho de praticamente todos os seus membros, com baixa remuneração e sobrecarga laboral:

A impossibilidade de construir famílias estáveis manifesta-se sempre que o modo de inserção no mercado de trabalho acarreta rendimentos muito precários, e portanto insuficientes para a manutenção do grupo doméstico, que inclui sempre membros não produtivos [...] constituindo claramente na consciência dos trabalhadores um resultado de pobreza, uma sobrecarga de miséria e uma impossibilidade de alcançar uma vida minimamente decente. (DURHAM, 1980, p. 202-203).

De acordo com Antunes (1999), quanto maior é o crescimento de nossa sociedade menor é sua capacidade de incorporação de jovens no mercado de trabalho, em que encontramos a seguinte situação: não há empregos para todos aqueles que dele necessitam, e

¹ No Brasil, devido à precocidade de ingresso no mercado de trabalho, entende-se por população juvenil adolescentes entre 15 e 18 anos de idade e o jovem adulto, entre 19 e 24 anos de idade (POCHMANN, 2000).

os que estão empregados, em geral, trabalham muito e sempre temem o desemprego. Diante de uma ordem que dificulta o acesso dos jovens em idade de trabalhar e, criminosamente, inclui crianças no mercado de trabalho, em um retrato que se amplia nos estudos que tangem à produção do sisal, de têxteis e confecções, calçados, carvoarias, pedreiras, olarias e cana-de-açúcar, a tendência é aumentar todo o empobrecimento social e os índices de desemprego.

Dada a discrepância social que permeia o nosso país, a diferença socioeconômica que se aplica aos jovens traz consigo, de um lado, a luta pela escolha profissional e, de outro, a marginalização e conseqüente exclusão social dos mais desprovidos ou menos abastados que, em virtude da pobreza, tendem a desistir dos estudos para ajudar na manutenção de sua família. Logo, por não encontrar trabalho em sua região, a migração acaba sendo a única alternativa para se inserir no mercado de trabalho. A migração de jovens de regiões pobres do país, em especial de alguns Estados da região Nordeste, tem sido uma constante na história do Brasil. A saída de trabalhadores de Estados como o Ceará, Bahia, Piauí e Maranhão, dentre outros, em busca de emprego na região Sudeste tem crescido, assim como a presença de jovens entre estes migrantes. Os que migram para o corte da cana no interior do Estado de São Paulo são exemplos desta realidade.

Até recentemente havia grande número de trabalhadores provenientes principalmente do Vale do Jequitinhonha (MG) envolvidos no corte da cana na Região de Ribeirão Preto (SP), além de trabalhadores de outros estados como Paraná, Mato Grosso e Bahia. No entanto, esta realidade tem mudado. Assistimos hoje ao predomínio de migrantes vindos principalmente dos estados do Maranhão e Piauí. Silva (2006) explicou assim esta nova cartografia migratória:

A partir do ano 2000, no entanto, assiste-se ao processo de mudança da cartografia migratória. Muitos dos migrantes atuais são provenientes do Maranhão e Piauí, estados que, no passado, tinham pouca participação neste processo. Uma das explicações dada para a mudança da cartografia migratória reside no fato de que houve uma enorme intensificação do ritmo do trabalho, traduzida em termos da média de cana cortada, em torno de 12

toneladas diárias. Este fato está diretamente relacionado à capacidade física, portanto, à idade, na medida em que acima de trinta anos de idade, os trabalhadores já encontram mais dificuldades para serem empregados. Desta sorte, a vinda destes outros migrantes cumpre a função de repor, por meio do fornecimento de maior força de trabalho, o consumo exigido pelos capitais cuja composição orgânica é maior. [...] A mudança da cartografia migratória para os canaviais paulistas, por meio da presença de maranhenses e piauienses vem ocorrendo em razão do avanço do agronegócio da sojicultura e pecuária, responsáveis pelo processo de expropriação do campesinato dessa região, de um lado, e, do outro, do sucroalcooleiro paulista, demandante de grandes contingentes de força de trabalho (SILVA, 2006, p. 112).

Estudiosa do trabalho e das condições de vida destes migrantes, Silva (2006) relatou que muitos deles vivem em suas regiões de origem como camponeses, outros são rendeiros e outros já vivem nas periferias das cidades, na condição de proletários. A migração é essencialmente masculina: enquanto os homens partem, as mulheres ficam, declarou a autora.

De acordo com Novaes (2007), os migrantes são os trabalhadores preferidos pelas usinas para o trabalho na colheita de cana:

Os trabalhadores que chegam do Nordeste possuem um perfil condizente com o que se precisa hoje para o corte manual. Segundo eles próprios, por terem sido, desde crianças, socializados no árduo e duro trabalho da agricultura na sua região de origem, o trabalho no canavial não os assusta. Além disso, segundo relato dos técnicos das usinas, são preferidos pelos usineiros por serem mais dedicados ao trabalho e gratos aos empregadores pela oportunidade do emprego, inexistentes em suas regiões. A necessidade premente de ganhar dinheiro, para assegurar a subsistência da família distante, tem funcionado como um freio que os torna mais tolerantes com descumprimentos de leis trabalhistas, com as injustiças e as distorções que ocorrem nas medições feitas pelo fiscal de turma em sua produção diária no corte da cana. (NOVAES, 2007, p. 171).

Segundo Rosa (2009), a questão do sexo e da juventude está diretamente relacionada às exigências feitas pelas usinas para se contratar trabalhadores para o corte da cana; porém, são também critérios importantes:

[...] 'boa conduta' ou subordinação, a capacidade de manter a assiduidade, e conseqüentemente a saúde, durante toda a safra e a produtividade. Sem dificuldade, pode-se afirmar que os dois últimos critérios são mais facilmente alcançados por pessoas jovens e do sexo masculino, mesmo havendo exceções. (ROSA, 2009, p. 93)

É da realidade destes trabalhadores que trata esta pesquisa, que objetivou compreender como aqueles jovens migrantes foram atraídos para o corte da cana-de-açúcar, se este foi seu primeiro emprego e o que significou para eles deixar família, amigos, escola, sua terra natal e seus projetos de vida para trabalhar em um local distante e desconhecido. Ademais, a pesquisa buscou conhecer também como este trabalho repercute na saúde física e psíquica desses jovens. Para tanto, foram entrevistados jovens migrantes, do sexo masculino, com idade entre 18 e 24 anos e empregados na colheita de cana-de-açúcar na região de Ribeirão Preto (SP).

1.2 Considerações sobre a cultura da cana-de-açúcar no Brasil

No início do século XVI a cultura da cana-de-açúcar foi a primeira atividade econômica desenvolvida no país, produzindo açúcar mascavo para exportação no litoral nordestino. No século XVIII, o povoamento das áreas de mineração estimulou a expansão dos canaviais nas planícies de Campos (RJ) e, no século XIX, a cultura de cana-de-açúcar no Estado de São Paulo passou a crescer juntamente com o aumento de sua população (ANDRADE, 1994).

Intervenções governamentais sempre fizeram parte da cultura da cana, remontando aos tempos da colônia, de maneira lenta e gradual, como resultado das pressões dos próprios produtores em momentos de crise da economia açucareira, comumente ocorrendo ainda nos dias de hoje. Todo este intervencionismo estatal acentuou-se na década de 1930, quando o Estado assumiu o papel de administrador direto da economia nacional, mais especificamente em 1933, com a criação do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) – órgão governamental responsável pela direção, controle e fomento da produção nacional sucroalcooleira que atuou até 1990, quando foi extinto (SCOPINHO, 2003).

Desde o Período Colonial até a década de 1940, a região Nordeste sempre foi a principal produtora de açúcar para exportação, relevância que foi modificada a partir da

Segunda Guerra Mundial, quando a região Sudeste aumentou sua capacidade produtiva de açúcar para consumo interno urbano. Embora menor que a da região Sudeste, a produção de açúcar no Nordeste era exclusivamente direcionada à exportação. O Estado brasileiro deteve o monopólio das exportações brasileiras de açúcar até a década de 1990 quando se iniciou o processo de desregulamentação (ALVES, 2007).

A produção açucareira no Brasil ganhou importância após o rompimento das relações diplomáticas entre Estados Unidos e Cuba, quando da vitória da Revolução Socialista Cubana em 1959 e Cuba deixou de ser o principal fornecedor de açúcar para os Estados Unidos (IANNI, 1984). O boicote a Cuba fez subir os preços internacionais do açúcar. À época, a região Nordeste era o maior pólo de exportação daquele; no entanto, o Estado de São Paulo foi o maior beneficiário dos investimentos públicos para modernização daquela indústria e se tornou o principal Estado produtor brasileiro (NOVAES, 1993).

Segundo Ianni (1984), foi a partir de então que se iniciou a exportação de açúcar brasileiro para o mercado norte-americano e para outros mercados. Em 1964, devido à grande expansão do mercado externo, cresceu também o número de usinas por todo o país, especialmente no Estado de São Paulo, que, na safra de 1970, já respondia por cerca de 50% da produção nacional.

A participação do Estado ganhou ênfase na década de 1970 e, em 1971, foi criado o Programa de Racionalização da Agroindústria Canavieira, que visava financiar a modernização e crescimento do setor através da concessão de linhas de crédito especiais para aquisição de terra, máquinas e implementos agrícolas e cujo resultado foi “um movimento de reestruturação no setor canavieiro, evidenciado nas realocações, fusões e incorporações de empresas consideradas modernas [...] ampliando desta forma sua capacidade produtiva e reduzindo os custos de produção.” (SCOPINHO, 2003, p. 29). A crise energética mundial de 1973 fez elevar o preço do petróleo no mercado internacional e, a partir de então, a produção de álcool carburante foi estimulada pelo governo brasileiro, que criou o Programa Nacional do Álcool (Proálcool) em 1975.

De acordo com Thomáz Jr. (2002), o Proálcool também fortaleceu as relações de privilégios entre o Estado e a indústria canavieira através de subsídios, com o propósito de se produzir internamente uma alternativa energética em contraposição à dependência do petróleo, em um período de constante aumento dos preços internacionais do produto. A elevação da produtividade e a eficiência agroindustrial levaram também ao crescimento extensivo da área plantada, em áreas que permitiam a mecanização da lavoura canavieira.

Alves (2007) mostrou que, para atender à expansão da produção, o setor canavieiro do Estado de São Paulo atraiu trabalhadores da região Nordeste do Brasil, do Norte do Paraná e do Vale do Jequitinhonha onde “esta dinâmica da produção canavieira, [...] estava basicamente vinculada a baixos salários, uso extensivo da terra e intensivo dos meios disponibilizados pela natureza.” (ALVES, 2007, p. 26).

A expansão do capitalismo no campo e o conseqüente aumento do trabalho assalariado fez surgir a figura do trabalhador volante, que passou a ser conhecido como bóia-fria. Segundo Mello (1975), este já era considerado um representante do grau máximo de exploração do homem, minado da estabilidade financeira e envolto na precariedade das condições de trabalho impostas pelo capital. É esta força de trabalho que passou a atuar no plantio e na colheita da cana-de-açúcar no Estado de São Paulo.

Szmrecsanyi (1994) afirmou que a monocultura da cana contribuiu para o empobrecimento do solo, desmatamento e conseqüente destruição da fauna e flora e aumento dos níveis de poluição nos rios e mananciais. O prejuízo ambiental se entendeu também para as áreas urbanas, afetadas pela fuligem da queimada da cana.

Com a redução dos preços do petróleo no mercado internacional na década de 1990, o Proálcool entrou em crise, também em virtude do esgotamento das fontes de recursos e de pressão social contra o uso do dinheiro público pelos usineiros (SCOPINHO, 2003).

Nesta mesma década, segundo Alves (2007), uma grande crise no setor canavieiro levou à chamada desregulamentação parcial do Complexo Agroindustrial Canavieiro, com rearranjos da produção. Até então, era o Estado que determinava o preço da tonelada de cana, do açúcar e do álcool e a partir da desregulamentação passou a ocorrer a competição entre as usinas no mercado. Para garantir a lucratividade, as usinas buscaram a redução de custos, o que levou à adoção da mecanização do plantio e do corte da cana, com conseqüente redução do número de trabalhadores e aumento de sua produtividade individual. (ALVES, 2007).

Fatores como a estabilização da economia, com a introdução do Plano Real, abertura comercial e redução da intervenção do governo no setor com a desregulamentação dos mercados, aproximaram o Brasil do mercado internacional, alavancando as exportações, embora neste período o país ainda encarasse a atividade exportadora sob a ótica do escoamento de excedentes. Houve também grande euforia no meio rural, que investiu muito em mecanização (JANK; NASSAR; TACHINARDI, 2004).

Na safra de 1995-96, o Brasil se destacou como o maior produtor de cana-de-açúcar do mundo, com cerca de 250 milhões de toneladas, equivalente a 16% da área cultivada do planeta. Cerca de 40% dessa matéria-prima era destinada à produção de açúcar e, o restante, destinado à produção 12 bilhões de litros de álcool, aproximadamente (THOMÁZ JR., 2002). De acordo com Scopinho (2003), cooperativas, sindicatos, associações e entidades passaram a atuar junto a órgãos governamentais para preservação de direitos e defesa dos interesses do setor e dos produtores de cana-de-açúcar, representando-os politicamente junto ao governo e aos mercados. Um dos mais importantes órgãos de decisão para assuntos sucroalcooleiros, o Conselho Interministerial do Açúcar e do Álcool (CIMA), foi criado em 1997 e reuniu representantes dos Ministérios da Fazenda, Meio Ambiente, Agricultura, Ciência e Tecnologia, Indústria e Comércio, Minas e Energia e a Casa Civil da Presidência da República, além de contar com um conselho consultivo formado por representantes do setor que colaboram para a fixação de políticas que visavam sua auto-sustentação.

Em meados de 2002, tanto o açúcar quanto o álcool aumentaram sua importância no agronegócio mundial e brasileiro, o que, de acordo com Alves (2007), pode ser atribuído ao crescimento da demanda interna por álcool hidratado como combustível, dado o sucesso dos automóveis com motores “flex”; ao Protocolo de Kyoto, que visa à redução das emissões de CO₂ no ambiente, pelos países que o ratificaram; ao aumento dos preços internacionais do petróleo, cujo barril ultrapassou os US\$ 60,00 em 2005; à impossibilidade dos Estados Unidos de atender as demandas interna e externa por álcool e à abertura do mercado internacional para o álcool brasileiro dado seu baixo custo de produção.

Silva (1999) relatou como a mecanização diminuiu os postos de trabalho na cultura canavieira: cada colhedeira é capaz de colher cerca de 700 toneladas de cana por dia, o que substitui o trabalho de cerca de 100 homens. Apenas 12 em cada 100 demitidos são empregados em funções mais especializadas, como condutores de máquinas, dentre outras.

Ainda de acordo com os relatos de Silva (2002), as interações que ocorrem entre a agroindústria canavieira e a pesquisa científica e tecnológica fizeram surgir biofábricas de cana, laboratórios onde as plantas são produzidas *in vitro*, o que permitiu o aumento da produtividade em cerca de 30%, além da imensa variedade de produtos químicos empregados no controle de pragas, doenças e ervas daninhas.

A mecanização total da colheita de cana-de-açúcar ainda não é possível² pois, além dos altos custos com maquinaria, nem toda área cultivada é passível de mecanização. Assim, fica reservada ao cortador manual a cana cultivada em encostas, baixios, etc., onde o trabalho manual é mais intenso, com conseqüentes lesões à saúde dos trabalhadores. Portanto, ao lado da mecanização crescente do corte da cana-de-açúcar, crescem também os prejuízos à saúde do trabalhador, com longas jornadas e sobrecargas laborais (SILVA, 2002). Para Novaes, “[...] o aumento da

² Nos últimos anos, o corte mecanizado da cana-de-açúcar tem crescido safra após safra, devido ao aumento da demanda de açúcar e álcool, tanto no mercado interno quanto no mercado externo, mantendo-se ainda elevado número de trabalhadores que se dedicam ao corte manual da cana. A implementação da colheita mecanizada, sem o uso de queimadas, também é dificultada por fatores como o aumento dos custos no controle de pragas radiculares e dos colmos da cana-de-açúcar (GONÇALVES, 2002).

produtividade, advindo da implantação de programas de melhorias da qualidade dos serviços, impõe aumento do desgaste físico dos trabalhadores para a realização de novas tarefas" (2007, p. 100).

Esse aumento da produtividade também foi descrito por Silva (1999) como requisito fundamental para manutenção do emprego na agroindústria canavieira:

O fato dos bons cortadores serem todos jovens, do sexo masculino, mineiros e, majoritariamente, negros e mulatos, revela alguns pontos importantes. A maioria dos agenciadores só poderia levar em torno de nove mulheres para o caminhão [...] em virtude do ritmo intenso do corte, muitas mulheres e homens não conseguiam atingir a média estipulada, variando em torno de seis a sete toneladas por dia de cana cortada. Para corrigir esta insuficiência, os 'mais fracos' levavam consigo uma outra pessoa para ajudá-los no corte. É uma prática conhecida como *baião de dois*. [...] quando os trabalhadores não conseguiam a média, eram punidos mediante 'prática do gancho', ou seja, suspenso do trabalho por três dias. (1999, p. 205-206).

De acordo com aquela autora, a produção do "bom cortador" gira em torno de 10 toneladas por dia, figura que pode ser comparada à do "homem valioso", do modelo taylorista de produtividade e obediência.

Alessi e Navarro (1997a) demonstraram que cortar no mínimo dez toneladas de cana por dia significa enorme desgaste físico para esses trabalhadores. Nesse patamar de produção os riscos de acidentes de trabalho aumentam pois, o corpo extenuado perde a precisão dos golpes do facão na cana e logo, pernas e mãos involuntariamente viram alvos.

1.3 Aumento da produtividade no campo e migração do trabalhador rural

Dados do Instituto de Economia Agrícola – IEA (2009) demonstram que, no Estado de São Paulo, a quantidade média de cana-de-açúcar colhida por trabalhador aumentou drasticamente nos últimos anos (Fig. 1).

Figura 1. Média da produtividade individual no corte da cana-de-açúcar no período de 1970-2000. (INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA, 2009).

Entre 1970 e 2000 a quantidade média de cana-de-açúcar colhida por trabalhador aumentou de três para oito toneladas ao dia. Segundo Alessi e Scopinho (1994), o desempenho do cortador de cana masculino na década de 1990 alcançava 14 toneladas ao dia, ao passo que uma cortadora do sexo feminino cortava até 10 toneladas ao dia. Scopinho (2003) descreveu alguns dos efeitos advindos da superexploração do trabalhador:

No corte da cana existe um conjunto de cargas laborais devido à presença de agentes químicos, físicos, biológicos, mecânicos e psíquicos, que aliados ao desrespeito das regras básicas de higiene e segurança, e ao ritmo intenso no desenvolvimento das atividades, gera desgaste e adoecimento nos trabalhadores. Exposto a essas cargas, os cortadores de cana apresentam quadros patológicos compostos por doenças como dispnéia, dores lombares e torácicas, câimbras, comprometimentos da coluna vertebral (que se desdobra em incapacidade física), desidratação, oscilações da pressão arterial, problemas gastrointestinais, infecções respiratórias, dermatites, conjuntivites, envenenamento por picadas de animais peçonhentos e agrotóxicos, acidentes de trabalho e de trajeto, entre outras. [...] este padrão de adoecimentos apresenta estreita relação com o modo de organização e realização do trabalho na lavoura canavieira. (2003, p. 49).

Alves (2006) afirmou que um trabalhador que corta 12 toneladas de cana ao dia, ao final do dia, terá caminhado mais de oito mil metros e despendido mais de 133 mil golpes com o facão, terá perdido cerca de oito litros de água em razão do esforço físico e forte calor da exposição ao sol, tendo ainda que transportar os vários feixes cortados para a linha central. Todo este dispêndio de energia andando, golpeando, contorcendo-se, flexionando-se e carregando peso faz com que esses trabalhadores suem abundantemente, ao que o pesquisador complementa:

A perda de água e sais minerais leva à desidratação e à freqüente ocorrência de câibras, que começam em geral pelas mãos e os pés, avançam pelas pernas, chegando ao tórax, acometendo todo o corpo, causando o que os trabalhadores denominam 'birola'. Essa câibra provoca muita dor e paralisia total do trabalhador, semelhante a um ataque nervoso. Para conter as câibras, as desidratações e a 'birola', algumas usinas já levam para o campo e ministram aos trabalhadores soro fisiológico e suplementos energéticos, para reposição de sais minerais. Em outros casos, são os próprios trabalhadores que dirigem-se aos hospitais onde lhes é ministrado soro diretamente na veia (ALVES, 2007, p. 34).

Tamanho esforço passa a exigir cada vez mais disposição e resistência física dos trabalhadores para poderem suportar essas atividades até o final da safra, o que leva ao crescente número de contratação de trabalhadores mais jovens, especialmente migrantes do interior do país. Não obstante, as condições precárias de alimentação e moradia desses trabalhadores refletem-se diretamente em sua saúde.

De acordo com Silva (1999), doenças no aparelho respiratório são comumente constatadas entre os cortadores devido ao contato direto com a fuligem da queimada da cana. Tais condições de saúde e trabalho acabam por determinar as condições de vida desses cortadores, com corpos doentes e relativamente jovens.

Não bastando a média da produtividade individual do corte da cana estar entre oito e nove toneladas por trabalhador ao dia, a produtividade máxima individual chega a alcançar 20 toneladas por trabalhador ao dia (Fig. 2). Tamanho esforço pode gerar, a médio e longo prazo, graves danos à saúde desses trabalhadores.

Figura 2. Comparativo entre a média e a máxima produtividade individual no corte da cana-de-açúcar, no período de 2000 a 2009, por toneladas ao dia. (INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA, 2009).

Segundo a Pastoral do Migrante de Guariba, o pagamento dos cortadores de cana é feito com base na quantidade de cana cortada por dia de trabalho. De acordo com Alves (2007), além do aumento da produtividade do trabalho, houve também redução brutal dos salários pagos aos trabalhadores do corte da cana. Desde o ciclo de greves iniciado em Guariba em 1984, esses trabalhadores conquistaram o piso salarial de dois salários mínimos e meio, mas, em março de 2007, o piso salarial da categoria, na região de Ribeirão Preto, era de pouco mais de um salário mínimo. Mesmo cortando quase o dobro de cana que se cortava na década de 1980, atualmente o trabalhador tem salário inferior ao piso de 1984; apenas os que conseguem cortar mais de 12 toneladas diárias conseguem ter uma renda mensal próxima ao piso salarial da década de 1980. Segundo aquele autor, o aumento da produtividade e a redução da remuneração foram diretamente influenciados pelos seguintes fatores:

- a) aumento da quantidade de trabalhadores disponíveis para ao corte da cana - decorrente do desemprego geral da economia, mecanização do corte da cana e expansão da fronteira agrícola para as regiões do cerrado;

- b) seleção dos trabalhadores pelas diretorias de Recursos Humanos das usinas - contrato por tempo determinado ou por tempo de safra;
- c) redução da capacidade de organização e luta dos sindicatos dos trabalhadores rurais;
- d) crescimento da terceirização destes trabalhadores³.

De acordo com o Instituto de Economia Agrícola – IEA (2009), no ano de 2008, um bóia-fria da região de Ribeirão cortava, em média, 1,5 toneladas de cana-de-açúcar a mais por dia do que em 2003 (Fig. 3).

Figura 3. Comparativo da média de preços pagos por tonelada de cana, entre a região de Ribeirão Preto e as demais regiões do Estado de São Paulo. (INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA, 2009).

³ Conforme pondera Navarro (2003), impulsionado pela necessidade de redução de custos, nota-se no cenário da economia uma forte tendência ao processo de terceirização, no qual parte significativa das atividades organizacionais é realizada pelos prestadores de serviços, que mantêm um vínculo indireto com a empresa, executando, na maioria das vezes, trabalhos de menor importância para a organização contratante.

A forma de remuneração por produção, acompanhada da queda dos valores pagos aos cortadores na região de Ribeirão Preto, remete esses trabalhadores ao grau máximo de esforço físico para o desempenho de seu trabalho, almejando desta forma o recebimento de uma média de dois salários mínimos ao mês, que é direcionada aos gastos com moradia, quase sempre dividida entre muitos trabalhadores migrantes, à tentativa de envio de parte deste salário a seus familiares no interior do país e à sua alimentação.

Cabe aqui registrar a ocorrência de mortes envolvendo cortadores de cana no momento da realização de seu trabalho, fato que pode estar diretamente relacionado à sobrecarga laboral dos trabalhadores. Desde 2004, a Pastoral do Migrante de Guariba tem recebido informações sobre mortes envolvendo migrantes empregados nas usinas do interior paulista. Entre 2004 e 2009, foram registradas 23 mortes de trabalhadores com idades entre 20 e 53 anos, causadas por paradas cardiorespiratórias ou por causa desconhecida (FACIOLI, Ir. I.; PERES, Pe. G., 2007).

A partir de tais denúncias, audiências públicas foram realizadas com o intuito de investigar estes fenômenos. A primeira delas ocorreu na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, onde foram abrangidas questões relacionadas às mortes inexplicadas de trabalhadores rurais no setor de cana-de-açúcar, especialmente por tratar-se de pessoas de pouca idade para os casos identificados como parada respiratória. Também se discutiu as condições do trabalhador nesse setor e a necessidade de melhorias na fiscalização e notificação das doenças laborais (MANCUSO, 2005).

O contraste entre as modernas tecnologias adotadas pelo setor e as arcaicas relações e condições de trabalho são destacadas por Alves (2006), segundo o qual enquanto o setor sucroalcooleiro permanecer com esta dicotomia interna, em que de um lado se utiliza o que há de mais moderno em termos tecnológicos e organizacionais, com tratores e máquinas

agrícolas de última geração, mas, de outro lado, continua mantendo relações de trabalho já combatidas e banidas do mundo desde o século XVIII, os trabalhadores continuarão morrendo, pois os que morreram nas últimas décadas são apenas uma amostra insignificante do total que deve morrer clandestinamente em todas as safras.

O roubo das energias físicas e espirituais do trabalhador devido à intensificação e ao prolongamento da jornada de trabalho ao longo dos anos não apenas dilapida sua saúde, mas implica também no encurtamento do seu tempo de vida. (NAVARRO, 2006).

1.4 O universo empírico da pesquisa

Localizada no nordeste do Estado de São Paulo, a região de Ribeirão Preto é considerada o principal pólo sucroalcooleiro do mundo. Isto porque, além de produzir mais de 35% do álcool do país, também é o centro do conhecimento mundial na área. Segundo o Instituto de Economia Agrícola (2008), as 82 cidades da região abrigam cerca de 40 usinas e mais de 300 empresas de equipamentos agroindustriais.

Ribeirão Preto é economicamente uma região bastante diversificada, com setor industrial moderno, atividades de comércio e serviços bem desenvolvidos e produção agrária realizada em bases capitalistas. O pólo de maior desenvolvimento da região é representado pelo setor agrário, que possui como principal fonte produtiva a agroindústria, com destaque para a açucareira.

De acordo com Pontes (1988), as atividades econômicas desta região originaram-se no início do século XIX, através de um processo produtivo baseado na criação de gado, no cultivo de produtos de subsistência e plantações de café. No final deste século, a região de Ribeirão Preto já era considerada o pólo econômico de maior dinamismo da economia

exportadora cafeeira, em virtude do desenvolvimento da cafeicultura favorecido por condições climáticas, tipo de solo e alto valor do café no mercado internacional. Contudo, desde meados do século XX, as crises de superprodução cafeeira incentivaram uma diversificação da produção, através do cultivo de produtos como o algodão, a cana-de-açúcar, o milho, a laranja e criações de gado, momento em que algumas agroindústrias passaram gradualmente a ocupar o espaço econômico da monocultura cafeeira.

A cana passa, então, a dominar o cenário produtivo da região, tanto pela extensão de sua cultura quanto pelo volume da produção. As transformações e a evolução da estrutura produtiva da região de Ribeirão Preto, também, foram acompanhadas por modificações nas relações de produção, que saíram do sistema de colonato, característico dos tempos do café, em que populações se fixavam a terra em estilo de vida tipicamente rural, e foram gradativamente caminhando em direção ao operariado rural, em que o trabalhador passa a ser assalariado e residente das periferias das cidades. Encontra-se já neste processo a figura do bóia-fria, como trabalhador volante proveniente das zonas rurais de outras cidades ou Estados.

Pontes (1988) também nos mostra como, já no final da década de 1970, a utilização do trabalho do bóia-fria na cultura canavieira da região de Ribeirão Preto aumenta juntamente com a demanda da mão-de-obra, alimentando o ciclo do intenso remanejamento de trabalhadores através das migrações sazonais, vindouras de outras áreas do Estado de São Paulo e de outros Estados, com destaque para Minas Gerais. Este movimento migratório é parte inerente deste processo produtivo, gerando na região a aceleração do êxodo rural, com todas as implicações decorrentes deste processo.

Entretanto, as condições de trabalho oferecidas aos trabalhadores não eram diferentes das demais regiões do Estado de São Paulo, ocasionando, em maio de 1984, a greve de Guariba, cidade do interior paulista localizada a 50 km de Ribeirão Preto:

Nesta ocasião, trabalhadores do setor sucroalcooleiro, espontaneamente levantaram-se contra as precárias condições de vida a que eram submetidos, em um regime que poderia ser considerado de semi-escravidão. Na madrugada do dia 15 de maio de 1984, em torno de 5.000 trabalhadores não subiram nos paus-de-arara em direção ao campo. [...] aos poucos e em volumosos grupos, marcharam para o centro da cidade riscando seus facões no asfalto, e permaneceram na praça da igreja matriz por toda a manhã. Depredaram o escritório da Sabesp (Serviço de abastecimento de Água do Estado de São Paulo), atearam fogo em carros e invadiram um supermercado, de onde levaram diversos produtos alimentícios e eletrodomésticos. O aumento repentino das contas de água recém entregues pela Sabesp e os preços abusivos cobrados pelo supermercado foram as justificativas dadas para estas ações. No entanto, a principal causa da greve foi a alteração do sistema de colheita da cana, que passou de cinco para sete ruas, o que tornara a lida diária ainda mais penosa. Além disso, as condições dos alojamentos e do transporte eram bastante deficientes. [...] As revoltas e conflitos foram constantes, e houve a intervenção da tropa de choque do governo do Estado de São Paulo. Trinta homens foram feridos e um aposentado de sessenta anos, que observava os acontecimentos, foi morto por uma bala perdida. Já na noite deste dia, o sistema de corte da cana passa para cinco ruas. (VETTORASSI, 2006, p. 29-30).

A greve foi rápida, mas com grande repercussão nacional e internacional. Tal manifestação surpreendeu a todos devido ao seu caráter espontâneo e à falta de tradição de lutas no Estado de São Paulo e, sobretudo, por mostrar as terríveis condições de exploração a que eram submetidos esses trabalhadores (VETTORASSI, 2006).

Dado o intenso crescimento de sua produção, em 1990, a região de Ribeirão Preto foi apresentada ao Brasil como a "Califórnia brasileira". A reportagem de uma grande emissora de televisão informou à época que, graças aos empresários da indústria do açúcar e do álcool, esta seria uma região moderna, rica, sem problemas e pobreza, incentivando desta forma a migração dos trabalhadores rurais para aquelas cercanias (SCOPINHO, 2003). Segundo Thomas Jr. (2002), nesta mesma década, a Divisão Regional Agrícola (DIRA) de Ribeirão Preto já se destacava pela produção de 40% da cana-de-açúcar em todo o Estado de São Paulo.

Pradópolis, município distante cerca de 30 km de Ribeirão Preto (APÊNDICE 1), foi escolhida para a realização desta pesquisa por abrigar crescente número de migrantes vindos

do interior do Estado do Maranhão nos últimos anos e por abrigar uma das maiores usinas produtoras de cana-de-açúcar da região, a usina São Martinho.

Com população aproximada de 16.000 habitantes, a cidade recebe todos os anos trabalhadores migrantes para o corte manual da cana-de-açúcar; o município conta com mais de 15 mil hectares de cultivos de cana e produziu, em 2007, cerca de 85 t de cana/ha. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2009), 22% de seus habitantes são pobres e sua população cresceu cerca de 40% nos últimos dez anos.

2 OBJETIVOS

Esta pesquisa teve por objetivos compreender os motivos que impulsionaram determinados jovens à migração em busca emprego no corte da cana-de-açúcar na região de Ribeirão Preto (SP), bem como saber se este foi seu primeiro emprego, e o que para eles significou deixar família, amigos, escola, sua terra natal e seus projetos de vida para trabalhar em um local distante e desconhecido. A pesquisa buscou, também, conhecer como este trabalho repercute na saúde física e psíquica desses jovens.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa de abordagem qualitativa foi realizada com trabalhadores rurais empregados no corte da cana-de-açúcar, na região de Ribeirão Preto (SP). Ao todo foram entrevistados 14 trabalhadores de ambos os sexos, com idade variando de 18 a 24 anos, migrantes do Estado do Maranhão.

Minayo (1994) afirmou que a pesquisa de cunho qualitativo possui a característica de não privilegiar o critério numérico, mas sim a capacidade de refletir a totalidade do fenômeno nas suas múltiplas dimensões. Isto explica o fato de a quantidade de sujeitos selecionados para a pesquisa não corresponder a um critério preponderante, importando de fato a qualidade e a quantidade de informações que podem ser obtidas dos informantes selecionados.

A principal técnica de coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada. Para tanto, desenvolveu-se um roteiro que combina perguntas fechadas (ou estruturadas) e abertas.

O roteiro semi-estruturado foi composto pela combinação de 7 questões fechadas e 11 questões abertas, com o objetivo de levantar dados sociais, verificar a opinião dos entrevistados sobre os motivos de sua migração e suas impressões sobre o trabalho em questão (APÊNDICE 2).

Neste tipo de entrevista, as questões abertas permitem ao indivíduo a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. A entrevista não-estruturada (questões fechadas) é utilizada a fim de obter informações sobre a descrição do caso individual, de compreender as especificidades culturais mais profundas dos grupos e de realizar a comparabilidade de diversos casos. Contudo, a entrevista não é simplesmente um trabalho de coleta de dados, mas sempre uma situação de interação na qual as informações dadas pelos sujeitos podem ser profundamente afetadas pela natureza de suas relações com o entrevistador (MINAYO, 1994).

A pesquisa foi precedida por visitas e entrevistas exploratórias que visaram mapear o campo e colher informações a respeito do objeto de estudo, como locais de moradia, trabalho e origem. A importância deste tipo de procedimento é destacada por Thompson (1992), que lembra que isto auxilia na definição da problemática da pesquisa e ajuda a localizar algumas fontes para resolvê-la. “[...] Do mesmo modo que a entrevista piloto de um grande levantamento, uma entrevista de coleta de informações genéricas no início de um projeto local pode ser uma etapa muito útil.” (THOMPSON, 1992, p. 254).

A primeira etapa do trabalho foi dedicada ao levantamento bibliográfico, buscando embasar teórica e metodologicamente a pesquisa e a análise dos dados. Simultaneamente, o estudo foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 3), sendo ambos enquadrados na categoria Aprovado, de acordo com o Processo CEP-FFCLRP nº 375/2008 – 2007.1.2502.59.1 (APÊNDICE 4).

Em seguida, foi apresentado aos entrevistados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que informava sobre a temática da pesquisa, seus objetivos e o compromisso ético. Cumpre aqui ressaltar que todos assinaram o documento.

O contato com os trabalhadores-alvos da pesquisa foi feito de maneira direta pelo pesquisador, em um bairro da periferia da cidade de Pradópolis - SP, na companhia de uma moradora já contatada, que o apresentou a alguns outros moradores escolhidos aleatoriamente, os quais indicaram os demais. Tal metodologia de recrutamento é conhecida como indicação sucessiva, técnica em cadeias, ou ainda bola de neve (snowball). Biernacki e Waldorf (1981) afirmaram que tal técnica possibilita o encontro de pessoas com características definidas, de acordo com os pressupostos e as necessidades da pesquisa.

As entrevistas foram gravadas e tiveram duração média de quarenta minutos. Todas foram realizadas na residência dos trabalhadores, entre os meses de julho de 2008 e maio de 2009. As entrevistas foram posteriormente transcritas pelo próprio pesquisador. Whitaker (2002) remete à importância das transcrições pelo próprio pesquisador:

A transcrição de uma história de vida [...], na medida do possível, não deveria ser feita por outras pessoas alheias à pesquisa. Deve ser feita pela pessoa que a colheu, ou por um pesquisador do mesmo grupo e que, portanto, compartilha das mesmas preocupações, ainda que a partir de diferentes enfoques. Esta medida evita que os dados sejam desvirtuados de sua proposta inicial e é necessária para que não se incorra em erros de ordem interpretativa. (WHITAKER, 2002, p. 119).

Após a transcrição das entrevistas, seguida da releitura do material, foram identificadas as idéias centrais, juntamente com as estruturas de relevância e os momentos-chave, utilizando o conceito de representação social como categoria geral, que tem fundamentado o trabalho de campo na pesquisa qualitativa (MINAYO, 1994).

4 RESULTADOS

A análise apresentada nesta seção faz uso das informações colhidas nas entrevistas, nas quais se procurou discutir as motivações da migração destes trabalhadores, seu trajeto até Pradópolis (SP), sua lida diária de trabalho no campo, moradia e tempo livre, e como esta dura rotina repercute em sua saúde. Também se buscou entender um pouco da realidade de sua terra natal, bem como o distanciamento de seus amigos e familiares, em virtude deste movimento migratório, retratando, desta forma, suas primeiras impressões sobre o trabalho na colheita da cana, suas expectativas e seus sonhos.

Tabela 1 – Caracterização sócio-demográfica dos atores sociais pesquisados empregados nas lavouras de cana-de-açúcar na cidade de Pradópolis (SP)

Entrevistado	Origem	Idade	Gênero	Cor	Escolaridade	Estado Civil	Tem Filhos
E1	Codó	18	masculino	branco	4º ano do ensino fundamental	solteiro	não
E2	Chapadinha do Maranhão	21	masculino	mulato	3º ano do ensino fundamental	solteiro	não
E3	Chapadinha do Maranhão	23	masculino	mulato	3º ano do ensino médio	solteiro	não
E4	Codó	19	masculino	branco	5º ano do ensino fundamental	solteiro	não
E5	Codó	23	masculino	branco	7º ano do ensino fundamental	casado	não
E6	Chapadinha do Maranhão	21	masculino	negro	4º ano ensino fundamental	solteiro	não
E7	Timbiras	18	masculino	branco	1º ano do ensino fundamental	solteiro	não
E8	Codó	20	masculino	mulato	2º ano do ensino médio	solteiro	sim
E9	Chapadinha do Maranhão	24	masculino	mulato	3º ano do ensino médio	casado	não
E10	Chapadinha do Maranhão	23	masculino	branco	5º ano do ensino fundamental	solteiro	sim
E11	Chapadinha do Maranhão	22	masculino	branco	1º ano do ensino fundamental	solteiro	sim
E12	Chapadinha do Maranhão	24	masculino	negro	5º ano do ensino fundamental	solteiro	não
E13	Codó	22	masculino	mulato	8º ano do ensino fundamental	solteiro	não
E14	Timbiras	24	feminino	branco	2º ano do ensino médio	casada	sim

A Tabela 1 apresenta um breve perfil dos participantes estudados, caracterizando-os segundo a origem, a idade, o gênero, a cor da pele, a escolaridade e o núcleo familiar. Constitui-se dessa forma o grupo dos atores sociais pesquisados, que, apesar de possuírem as mesmas origens, ao adentrar no interior paulista, se confundem com os demais grupos de trabalhadores sazonais que povoam a região, trazendo consigo não somente a força de trabalho, mas também a crença no colhimento dos frutos de seu suor.

Todos os entrevistados eram alfabetizados. Todavia, mesmo tendo concluído parte de seus estudos, ou até mesmo completado o ensino médio, deparamo-nos com jovens sem nenhuma outra alternativa de trabalho assalariado, a não ser o trabalho rural, e ainda assim através da migração. Silva (1999) já retratava a ausência de estudo e educação de grupos de migrantes no interior paulista, enfatizando o sonho de alguns dos cortadores de cana em proporcionar a possibilidade de educação a seus filhos, criando-se um verdadeiro paradoxo entre o real vivido e real imaginado. Para os entrevistados que possuíam filhos, o estudo parece ser o único caminho aberto, para que estes não precisem passar pelas mesmas dificuldades que seus pais.

Pochmann (2000) afirma que seria muito interessante avaliar a contextualização do ensino à vida dos jovens, mediante uma maior abordagem de questões como meio-ambiente, trabalho, saúde, violência, e características econômicas e sociais regionais que poderiam ser mais empregadas na formação do ensino básico. No entanto, mesmo havendo escolas nas cidades de origem, este ideal pode ser ainda dificultado pela própria realidade em que vivem, como a escassez de recursos e alimentação, visto que além da grande incidência de trabalho infantil, “crianças mal nutridas, às vezes necessitando trabalhar, jamais poderão ter o estudo imaginado por seus pais para poderem mudar sua condição social.” (SILVA, 1999, p. 259).

Dos trabalhadores entrevistados, 92% eram do sexo masculino, 50% eram mulatos e 78% eram solteiros, dados que corroboram com o estudo de Silva (1999) e Alves (2007), que identificam a predominância de contratação por trabalhadores jovens e do sexo masculino.

4.1 Vida e trabalho na terra natal

Tabela 2 – Frequência das categorias temáticas das verbalizações dos trabalhadores migrantes empregados nas lavouras de cana-de-açúcar na cidade de Pradópolis (SP) que caracterizam sua região de origem.

	Número de respostas	Percentual da amostra
Trabalho precoce ou infantil	8	57%
Rendimento insuficiente para manutenção familiar	13	92%
Sistema precário de saúde	4	28%
Baixa remuneração	12	85%

As condições de vida na região de origem dos jovens entrevistados, de acordo com seus depoimentos, se mostram preocupantes. Cerca de 57% desses trabalhadores iniciaram suas atividades laborais no campo, roça ou oficinas mecânicas, entre sete e doze anos de idade, para ajudar na manutenção de sua família⁴.

O esforço do jovem, especialmente aquele pertencente às famílias de baixa renda, não é pequeno, considerando que somente 17% dos estudantes que ingressam na escola conseguem completar o ensino fundamental (oito anos de estudos) e ainda somente 11% terminam o ensino superior. (POCHMANN, 2000, p. 27).

⁴ De acordo com a OIT (2005) “É importante lembrar que, muitas vezes, os jovens hoje desempregados são os trabalhadores infantis de anos atrás. Dessa forma, o aumento das oportunidades de trabalho decente para jovens não pode ser dissociado dos esforços de erradicação do trabalho infantil e da melhoria de perspectivas de emprego para adultos. Além do mais, o problema do desemprego de jovens reflete e perpetua déficits de trabalho decente nas famílias, comunidades e grupos”.

A precariedade dos sistemas de saúde também permeia sua realidade na terra natal, onde a ausência de oportunidades de trabalho, acompanhada da baixa remuneração, quando existente, faz com que essas famílias mais humildes se vejam obrigadas a contar com a força de trabalho de todos os seus membros, inclusive com a mão-de-obra infantil:

Eu trabalhava, assim, na roça, na lavoura mesmo. Plantava arroz, mandioca, feijão e milho. [...] Lá, até tinha cana, mas eu preferia plantar feijão. (E1).

Lá no Maranhão eu era granjeiro. “Tipo assim”, eu cuidava da temperatura da granja, eu até que gostava do serviço, mas pagava muito pouco. [...] não pra mim mesmo. Eu fazia pra minha avó e minha mãe, graças a Deus, eu fazia pra ajudar... (E5).

[...] eu comecei com sete anos de idade, em outro tipo de serviço. Em oficina, depois passei pra cerâmica, depois passei pro comércio, trabalhando e estudando na minha cidade. Aí terminei o ensino médio, mas lá o número de serviço é pouco e o número de desempregados é grande. Aí eu resolvi ‘sai’ pra fora e resolvi vir pro corte de cana. No corte de cana o primeiro ano é este. (E9).

[...] comecei a trabalhar bem cedo, com dez anos. Trabalho rural mesmo, em todo tempo, até agora. (E10).

Eu comecei com uns dez anos. Serviço de roça mesmo. (E11).

Para estes entrevistados, iniciar o trabalho na infância é parte de sua realidade social. Em seu estudo, Alves (2007) identifica que nos Estados do Nordeste, Maranhão e do Piauí, “as crianças e os jovens são criados segundo as tradições da pequena produção familiar, na qual esta produção é resultado do trabalho de toda família, da qual participam os adultos, os idosos, as crianças e os jovens.” (ALVES, 2007, p. 45).

Eu trabalhei dois anos e três meses tirando capim pra gado de leite. Trabalhava direto, não tinha domingo, sábado, era todo dia. [...] Quase morro, lá a água dava bem aqui ó [mostra altura na canela]. Aí eu pedi as contas e saí, eu cansei, num agüentava mais. (E12).

No Maranhão, o hospital, a saúde, é péssimo. [...] o médico vai lá, aí se o cara está gripado, nem tem atenção. Por exemplo, se a pessoa “tinha um negócio no peito”, no pulmão, o médico vai e passa um remédio pra gripe, mas não passa nenhum exame. (E5).

Lá não se vive bem. No Maranhão se ganha muito pouco, muito pouco. Tem família que trabalha só pra comer mesmo, não dá pra fazer mais nada. Daí a nossa vontade é vir pra cá levar algum dinheiro pra fazer alguma coisa a mais, principalmente a comida também, que muitas vezes não tem. (E7).

A ausência de alternativas de empregos ganha destaque nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, como demonstra Pochmann (2000):

A diminuição na oferta de emprego assalariado ocorreu em ritmo superior à queda absoluta e relativa da ocupação total, resultando no processo de desassalariamento. [...]. Embora a redução do emprego assalariado tenha ocorrido de maneira generalizada em todo país, ela encontra-se fortemente presente entre os jovens. [...] A maior redução de emprego assalariado ocorreu na região Nordeste, seguida das regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste. (POCHMANN, 2000, p. 37).

4.2 Fatores motivacionais para a migração

Tabela 3 – Frequência das categorias temáticas das verbalizações dos trabalhadores migrantes empregados nas lavouras de cana-de-açúcar na cidade de Pradópolis (SP) que caracterizam os fatores que influenciaram sua decisão pela migração

	Número de respostas	Percentual da amostra
Ausência de empregos e perspectivas	10	71%
Influência dos amigos / familiares	12	85%
Ajudar a família	14	100%
Anseio pela aquisição de roupas / produtos eletrônicos	5	35%
Melhor remuneração em São Paulo	7	50%

Quando questionados sobre as motivações pela decisão migratória e pelo trabalho na indústria canavieira, 71 % dos entrevistados afirmaram que a falta de empregos em sua região é uma das principais razões. A opção pelo trabalho no corte da cana também recebeu influência direta ou indireta de amigos ou familiares que já haviam tido alguma experiência nas lavouras do interior de São Paulo, (85%), que muitas vezes retornavam das safras com bens de consumo adquiridos no período da realização deste trabalho, como aparelhos de DVD, leitores de músicas portáteis, etc. Outro fator de grande influência foi quanto à possibilidade de envio de recursos financeiros aos familiares que permaneceram em casa (100%), fortalecendo, desta forma, a idéia dos entrevistados de uma melhor remuneração deste trabalho no interior paulista (50%), decorrente de experiências anteriores no corte da cana na região do Maranhão, suas ou de seus conhecidos.

Como a pesquisa teve como foco os trabalhadores com idade variante de 18 e 24 anos, muitos deles se deparavam com seu primeiro emprego. Para esses jovens, muitas vezes a

única alternativa para se obter algum rendimento financeiro era a da migração, dada a dificuldade ou inexistência de trabalho assalariado em sua região, corroborando com o estudo de Alves, que identifica aqueles trabalhadores como “[...] homens jovens, que têm como único objetivo ganhar dinheiro para sustentar suas famílias, que ficam distantes.” (2007, p. 21), bem como com o estudo de Silva (2002), visto que a maioria dos entrevistados revelou que a migração em busca de trabalho não é uma simples escolha, mas uma necessidade premente: “A ausência de outras alternativas, além da omissão do Estado, tem criado as bases para um deslocamento espacial e temporal incessante. [...] São vidas definidas por um vaivém perene, por uma eterna migração forçada que lhes impinge a marca de um destino social.” (SILVA, 2002, p. 31).

Eu vim pra ajudar minha família. Tenho um irmão que ficou três anos por aqui cortando cana. Voltou e se casou. Minha família é muito pobre. Minha mãe é doente, não pode trabalhar. Aí eu precisei vir, porque lá na minha cidade não tem emprego. Eu vim pra cá tentar conseguir pelo menos uma casa pra trazer minha mãe. (E8).

Trabalhar na roça lá no Maranhão é “mais ruim” do que aqui, [...] porque paga menos. Paga menos, mas o custo de vida lá é mais barato. Você vai com 10 reais num mercado aqui, por exemplo, e você quer comprar uma carne [...] e você compra um quilo de carne. No Maranhão você compra o quê, compra dois quilos. (E5).

Não foi muito fácil não, mas eu tinha que vir, o trabalho lá tava pagando pouco. Trabalho até tem, o dinheiro que é pouco lá. A gente toma esse rumo, [...] Muita esperança é o que a gente traz de voltar para casa. (E10).

Eu tive que sair de lá, porque eu tinha vontade de ter algum dinheiro, [...] O que tem lá, se você for viver lá, você tem que mudar de um canto

pro outro, e o que você ganhar não dá nem pra você comer. Agora aqui dá pra você ganhar um troco por mês. Só que eu acho que o serviço mais pesado do mundo é esse aqui. É um sofrimento, mas é o jeito. (E1).

A migração dos jovens trabalhadores rurais de uma região à outra do país é um movimento decorrente da expulsão de suas origens, em virtude da impossibilidade de realizar seu trabalho por motivos sociais, econômicos, naturais ou políticos, que impedem estes indivíduos de exercer as atividades necessárias para sua sobrevivência, buscando, desta forma, novos locais onde haja demanda por força de trabalho (ALVES, 2007). Um outro fator de grande influência para a migração destes jovens é o contato com os trabalhadores que retornam à sua terra natal, nas entressafras.

[...] tinha um amigo meu, que ele trabalhava, e disse que aqui era assim: não era muito ruim, mas também não era bom. Só que dava pra descolar um troco a mais, mas não falou direito como era o serviço [...] Ele falou, só que eu não entendia... Porque no final de contas eu nunca tinha sido cortador de cana, aí ele me explicava, mas aí, eu vim mesmo sem entender, porque eu não tinha visto como que era esse corte de cana pra cá. Foi quando eu cheguei aqui que eu pude ver, mas eu aprendi. (E5).

Eu fiquei sabendo do emprego porque vem muito cortador de cana do Maranhão pra cá, vêm e voltam. Aí os outros começam a ouvir falar e vêm também. Ver se consegue um dinheiro mais fácil. Eles acham que é mais fácil, mas é tudo a mesma coisa. Aí no final do ano tem um acerto, um dinheiro. Dá pra fazer um dinheiro e levar pro Maranhão. Lá a fonte de renda é pouca, o Estado é pobre. O que acontece é que o número de empregos é pouco mas o número de pessoas desempregadas é grande. [...] o cara resolve então sair pra “caçar” uma alternativa melhor pra ele, ganhar um dinheiro. [...] deixar a família lá. Os outros vão vendo esse movimento e vão querendo vir também. (E9).

A gente até vive bem lá, mas quando você vê as pessoas virem e voltar com uma coisinha a mais, a gente vem pra ver se consegue voltar com alguma coisinha também. A gente vem e às vezes se dá bem, às vezes se dá mal... (E7).

Novaes, Alves e Vidal (2007) retratam de maneira bastante similar as motivações e parte da realidade dos trabalhadores no corte da cana vindos da região Nordeste do Brasil em seu vídeo-documentário, que mostra também como esta migração ocorre pela necessidade destes indivíduos em buscar uma alternativa para conseguir os meios necessários para sua subsistência, dada a afirmação de um de seus entrevistados, que jamais havia recebido remuneração superior a R\$ 100,00 por seus trabalhos na roça do Piauí.

Ao longo dos anos de 1980 e 1990, houve um constante aumento do processo migratório para o interior do Estado de São Paulo, predominando a migração de mineiros e paranaenses, e, mais recentemente, os trabalhadores rurais da região do Piauí e do Maranhão, que também aderem aos movimentos migratórios para o corte da cana na região de Ribeirão Preto, devido à falta de trabalho e à impossibilidade de conseguirem boas terras para subsistência ou outras formas de renda em sua região, como narra Alves:

Um trabalhador procura um proprietário de terra para arrendar sua terra; o proprietário especifica qual é a terra e quais são as condições de pagamento; o trabalhador executa as atividades de desmatar, queimar, cercar, plantar, preservando apenas o babaçu nela existente; realiza a colheita, pega a renda e abandona esta terra. Depois de colhidos “os legumes”, a terra é destinada à produção de gado, e o trabalhador é expulso. Caso queira, terá de arrendar terra mais distante, longe de sua residência. Uma terra arrendada para o plantio de subsistência, [...] pode permitir aproximadamente três safras de produtos de subsistência. Somente a partir da terceira safra é que a produtividade, decorrente da fertilidade natural da terra, cai muito e passa a ser necessária a busca por outra terra. Quando o proprietário exige de volta a terra, com apenas uma safra realizada, há a apropriação do trabalho realizado pelo trabalhador, sem pagamento de salário. [...] Como a venda de sua força de trabalho é absolutamente precária nessas regiões, só lhes resta a alternativa de migrar. (ALVES, 2007, p. 48).

4.3 Deixando amigos e familiares

Deixar para traz os seus familiares e amigos é também deixar parte de sua base de formação como ser social, sua segurança e, segundo um dos entrevistados, “*é deixar um pedaço de você*” (E4).

No Maranhão deixei minha família inteira, mas trouxe minha mulher. Nós somos em 17 irmãos, são três homens e 14 mulheres, todos filhos do mesmo pai. (E5).

Eu deixei minha mãe e duas irmãs. [...] Meu pai morreu quando eu tinha cinco anos. Uma irmã tem 12 anos e a outra tem 16. As duas estudam, uma está oitava série e a outra está estudando na quinta. (E1).

Tenho um moleque lá. Vim pra cá pra poder manter ele vivo. [...] Eu morava com minha avó, então eu já ficava longe dos pais, mas nunca tinha saído do Maranhão. (E8).

Foi difícil. Deixei mãe, pai, mulher e filha. Eles viram que não tinha outro jeito. Se no próximo ano eu não voltar pra cá, vou pra outro lugar, pra outro tipo de serviço. (E9).

Deixar a família, por maiores que se mostrassem as dificuldades, certamente não foi uma tarefa fácil para estes jovens trabalhadores. Suas redes sociais, formadas basicamente pelas relações informais entre amigos, familiares, conterrâneos e membros de suas comunidades, foram essenciais não apenas para a formação de sua identidade, mas também para a construção de uma base fundamental para o enfrentamento de sua realidade. E foi certamente pela conservação desta mesma base que esses jovens decidiram pela migração.

4.4 O processo migratório

Ao optarem pela migração, os candidatos ao trabalho no corte da cana fazem contato com o responsável pelas contratações. Segundo os relatos dos sujeitos da pesquisa, este contato é realizado ainda no Maranhão, através da indicação de trabalhadores sazonais, já empregados na indústria canavieira. A figura do intermediador, ou chamado “gato”, é papel central para o processo de migração e contratação. Ele seleciona os pretendentes ao trabalho na cana e organiza as lotações dos ônibus, que os transportarão até o interior paulista. Este transporte tem duração média de três a cinco dias, e é feito sem qualquer contrato e nenhuma garantia formal de que este sujeito será contratado.

Até tem um cara que faz a lotação, mas não vem já contratado pela firma. A gente vem por conta própria. Aí chegando aqui é que a gente consegue o serviço. A gente vem por conta própria, mas só assina o contrato quando chega aqui, depois de um tempinho... que pode ser até de um mês ou mais. (E13).

Bom, o cara que faz a lotação já é acostumado a vir a trabalhar e voltar, vem e volta após a safra. Vai lá no Maranhão e faz a lotação, mas ele não faz com contrato assinado, faz a lotação pra ganhar uma porcentagem também. Ele traz e chega aqui. Como ele já conhece vários fiscais, aí ele só indica, cem, cinquenta homens. Lá mesmo no Maranhão ele já sabe o quanto está precisando. O fiscal da usina manda fazer a lotação do ônibus, aí faz quatro, cinco lotação e traz. (E9).

Em sua pesquisa, Alves (2007) narra o processo de migração de trabalhadores rurais do Maranhão, mostrando como esta viagem ocorre, muitas vezes, de maneira ilícita e perigosa:

Essa viagem é bastante demorada, pois, em geral, é realizada em ônibus clandestinos, por estradas secundárias de terra, para fugir da fiscalização: da Polícia Rodoviária, que impede a circulação de ônibus sem autorizações e sem condições de trafegar em viagens transestaduais; e das Delegacias Regionais do Trabalho, que impedem a circulação de trabalhadores sem que estejam com contrato de trabalho efetivado com as empresas demandantes. (ALVES, 2007, p. 21).

O valor da passagem, do Maranhão (cidades :Timbiras, Chapadinha e Codó) em 2008, girava em torno de R\$ 210,00. Estas viagens, feitas em ônibus clandestinos, chegam a durar em média três dias.

O ônibus não é de empresa não, é clandestino, assim. Traz gente e leva, [...] E vem direto pra cá. Chegamos aqui em três dias. (E1).

Tem vez que nem dá pra almoçar e jantar. A gente come no “busio” [ônibus] mesmo. Lá do Maranhão, de Chapadinha, pra vir pra cá, nós paramos só uma vez, só um dia pra almoçar. Foram 42 horas de viagem. Saímos do Maranhão às seis horas da manha, nós paramos só uma vez e foi por 30 minutos. Só pra ir usar banheiro e pegar uma merenda. E motorista, são dois. Hora que um cansa, o outro pega. (E9).

4.5 Contratação e moradia

Ao chegarem à cidade de Pradópolis (SP), os viajantes foram encaminhados pelo chamado “turmeiro” às suas moradias, em geral localizadas em bairros da periferia da cidade, para aguardarem o processo de seleção dos trabalhadores pelas usinas. A maioria dos entrevistados já possuía algum contato ou conhecido trabalhando em alguma usina, que geralmente intervêm pela contratação de seus conterrâneos, junto aos seus encarregados de turma.

O processo de seleção dos trabalhadores, para a efetiva contratação pelas usinas, inclui uma série de exames médicos, como os de capacitação física, cardiológicos e oftalmológicos. Se “aprovado” nos exames, o trabalhador é contratado por três meses de experiência, podendo ser ou não efetivado após este período.

Depois que chega na cidade é que eles vão explicar como é que é o serviço. Tem um cara que fica aqui, que é o fiscal, o turmeiro, que toma conta das turmas. Ele leva as carteiras [de trabalho] pra usina. A partir daquele dia o cara vai fazer exames, e depois que passar dos exames é que vai assinar o contrato. Depois que assina o contrato, passam ainda 90 dias, e depois disso é que o cara está mesmo contratado (E9).

Depois de quinze dias esperando o trabalho, fiz exame de cabeça e de coluna. Ah, do coração primeiro e depois da coluna. Também das vistas, com aquelas letras... mediu a pressão e mandou pegar um peso assim, pra ver até quanto eu levantava... também aperta um aparelhinho com as mãos... Tudo isso, e então passei nos exames. (E11).

Se você tiver qualquer problema, vai estalar a coluna e vai doer [...]. Fiz exame de sangue, fezes e urina... Se desse qualquer problema, eles não passariam a gente. (E1).

Tais relatos corroboram, desta forma, o estudo de Silva (1999), que retrata como a presença do médico é de caráter fundamental para a manutenção desta linha de produção:

A presença do médico não preenche apenas a função de providenciar a cura dos corpos doentes. Ele funciona como elemento fundamental na triagem dos corpos, mesmo antes deles serem postos em atividade. Os corpos chagásicos, os fracos, os velhos, os muito jovens, não vão para o corte. Destinam-se, por ordem médica, a outras funções: faxineiros, cozinheiros, membros das equipes de fogo, sinalizadores, ajudantes do interior da indústria. O saber médico recomenda, mediante testes ergométricos,

psicológicos, físicos, a melhoria dos recursos humanos à disposição da usina para a consecução da formação de corpos bem treinados para o trabalho. (SILVA, 1999, p. 203).

Alves (2006), também, mostrou como uma seleção mais apurada permite que as usinas implementem a contratação por período de experiência, em que os trabalhadores que não conseguiram atingir a média de produção de 10 toneladas de cana por dia poderiam ser demitidos antes mesmo de se completarem os três meses de contrato. Este autor, afirma, ainda, como esta seleção pode influenciar na preferência por trabalhadores mais jovens e na redução da contratação da mão-de-obra feminina.

Mais é homem que vem. Tem mulher que vem, mas é mais difícil. (...) a maioria delas tem entre 18 e 40 anos de idade. (E14).

O trabalhador que a usina mais pega é aquele que agüenta o “batidão” [...] aquele que quando pega de manhã vai o dia todinho, aquele que rende mesmo, que tem uma metragem boa, e aquele que já é conhecido também. (E10).

As primeiras atividades no campo são exercidas de acordo com a atribuição de diferentes funções, em que os mais jovens e inexperientes iniciam o trabalho como capinadores nos canaviais, ou seja, realizando a limpeza do terreno para o cultivo da cana, podendo ainda ser responsáveis por atear fogo nos terrenos para a queimada da cana. Após a contratação, há uma constante preocupação pela manutenção deste emprego. Dos 14 entrevistados, seis deles comentaram sobre o receio de evitar qualquer tipo de falta no trabalho, pois, além da produtividade individual, a assiduidade e indicações são de fundamental relevância para as recontrações destes trabalhadores.

Os novatos indicados por outras pessoas, dificilmente, não são contratados, nem que forem dispensados com 90 dias. Agora o cara que já trabalhou na usina, e respondeu muito pro fiscal, que respondeu muito pro turmeiro, falta bastante, tem muito atestado, aí eles já têm todos os dados dele, às vezes nem pega, na hora que vai assinar a carteira deles, fala que não passou. Não diz nem por quê. (E6).

Quando há incidência de faltas, ou freqüente número de atestados médicos, ou quando ainda o trabalhador é desligado por razões de má conduta, existe a chamada “lista negra” que, segundo um dos entrevistados, circula entre as usinas para evitar a recontração dos trabalhadores de “má conduta”, ou menos produtivos, como demonstra Rosa (2009) em sua pesquisa. Esta situação gera diretamente preocupação e insegurança junto ao trabalhador, como bem demonstra Seligmann-Silva (1994):

O cultivo da incerteza da desinformação e de ameaças explícitas de demissão, completa o sofrimento de quem ainda não se tornou desempregado. [...] A perda do trabalho é a perda da subsistência, tão mais grave, quanto maior for a pobreza. (SELIGMANN-SILVA, 1994, p. 35).

Quanto à moradia, os sujeitos do estudo foram divididos em turmas pelo “gato”, sendo assim distribuídos em residências ou alojamentos com outros trabalhadores migrantes, propiciando maior rateio dos custos com moradia. As casas visitadas para a realização das entrevistas estavam localizadas em um bairro bastante carente, com baixa iluminação e apenas algumas ruas asfaltadas. Não possuíam muros nem lajes, o que, segundo um dos entrevistados (E3), aumentava consideravelmente o calor durante o dia e intensificava os eventuais frios da madrugada. Também foi notado que em muitos quintais havia o cultivo de hortas para consumo próprio. Grande parte dos moradores deste bairro era de trabalhadores rurais, em sua maioria migrantes de outros Estados. Possuía localização na região periférica da cidade de Pradópolis (SP), próximo a uma das principais usinas de cana-de-açúcar da região.

Assim que a gente chega, eles botam assim, cada um em uma casa, [...] eles ficam dividindo de novo, “bota gente prum lado e pro outro” até dar certo. (E9).

As residências visitadas possuíam de um a dois quartos, uma sala, uma cozinha e um a dois banheiros, chegando a abrigar 18 moradores, que, dentro de suas possibilidades, organizavam seus espaços, distribuindo os finos colchões pelo chão da sala e até mesmo da cozinha. Esta superlotação, de certa maneira, também dificultava a realização dos afazeres e necessidades diárias, como, por exemplo, o banho após a jornada de trabalho e a limpeza dos equipamentos de corte e proteção (como facões, botinas, caneleiras, etc.). Em uma das moradias, na qual residiam seis trabalhadores, um dos entrevistados (E4) estava chateado pela mudança de um dos colegas, pois o rapaz que iria embora estava levando consigo a televisão, e agora as despesas seriam rateadas por apenas cinco moradores.

A gente morava em 22 pessoas aqui no começo, a gente tinha intimidade já, pois éramos da mesma cidade. Agora somos em 18, os outros se mudaram pra outro barraco. O barraco tava meio pequeno. (E2).

Aqui eu acho assim, aqui nós somos em 18 companheiros, “18 peão”, e só tem dois banheiro e duas pia. Pra 18 “fica embaçado” porque quando o último vai lavar, já fica de noite, dez horas da noite. Eu to cansado de levantar às duas horas da manhã pra poder lavar minha roupa, porque enquanto eu não lavo, eu não fico sossegado. [...] às vezes é o dia de fazer o lanche, então vou lavar de madrugada, deixo enxugando. Ainda bem que ela [a usina] dá duas fardas e duas botas. Eu deixo uma em casa, e com a outra, eu vou pra roça. (E12).

Nesta residência com 18 moradores, a divisão de tarefas é seguida à risca, sendo critério fundamental para a relação do grupo e manutenção do coletivismo. As refeições, por

exemplo, são preparadas cada noite por um dos moradores, ou seja, todos os indivíduos têm o compromisso de cozinhar para o resto do grupo. Talvez por possuírem as mesmas origens, e também pela execução do mesmo trabalho, esses trabalhadores demonstraram possuir um vínculo de companheirismo.

Uma coisa que eu acho bom aqui, acho até bonito, assim, é entre nós. [...] todos somos unidos. Assim tem um grupo de fazer comida, eu tenho um, ele tem um. Se faltar alguma coisa que um não tenha, o outro empresta, arruma. Isso eu acho bom isso daí. Porque pra morar esse tanto de pessoas, tem que ser unido, porque se for desunido não tem jeito. (E10).

Além das despesas pessoais com vestimentas, alimentação e lazer, jovens entrevistados possuem também o compromisso do envio mensal de ajuda financeira aos seus familiares, o que nem sempre ocorre em todos os meses, em virtude do alto custo de vida no interior de São Paulo.

Aí o cara paga aluguel, paga água, paga luz, alguma alimentação que come fora, aí no final o cara gasta bastante só com isso, e nem sempre consegue mandar pra família. (E7).

[...] o aluguel também sai caro, paga sessenta reais cada, paga água, paga luz, gás, paga bastante coisa. A Usina também dá um pagamento e dá uma cesta também. Antes ela ajudava só quem ia melhor, mas depois acho que o sindicato exigiu, agora ela dá pra todo mundo, porque todo mundo é igual. (E9).

Aqui, só de aluguel é trezentos reais. Pra eu que vivo com minha mulher, que tem creme, xampu, esmalte, essas coisas, enfim, no fim do mês dá uns quinhentos reais. (E5).

Algumas usinas davam cestas básicas apenas para os trabalhadores que atingiam as metas de produção, sendo esta muitas vezes convertida em um bônus em torno de sessenta reais junto ao seu salário. Seligmann-Silva (1994) também relata as possíveis consequências destas condições de moradia e baixo nível salarial para o trabalhador:

Fadiga e tensão também são produzidas por condições de vida precárias, como moradia inadequada, grande distância em relação ao local de trabalho e transportes coletivos insuficientes. O baixo nível salarial impede qualquer lazer, e distúrbios de saúde [...] também contribuem para levar ao esgotamento nervoso. (SELIGMANN-SILVA, 1994, p. 26).

4.6 O trabalho nos canaviais

Os depoimentos e percepções aqui registrados foram obtidos nos primeiros dias de trabalho destes jovens migrantes, no corte ou no cultivo da cana-de-açúcar. Aprovados nos exames médicos e contratados pela usina, eles adentram nos canaviais e visam desbravar esta nova realidade, tendo assim o seu primeiro contato com a cana na região de Ribeirão Preto (SP), apresentando também os primeiros sinais desta carga laboral⁸.

A árdua rotina de trabalho é vivenciada por todos os entrevistados, que iniciam seu dia levantando entre quatro e cinco horas da manhã, preparando sua marmita e equipamentos de trabalho, aprontando-se para embarcar no ônibus que os leva até a plantação de cana, onde exercerão suas atividades laborais até as três e meia da tarde, quando embarcam novamente nos ônibus para retorno às suas moradias. Possuem jornada semanal que vai de segunda-feira a sábado, mencionam também a pausa de dez minutos a cada hora trabalhada, como um dever do cortador em uma das usinas (E14).

⁸ Carga de trabalho representa o conjunto de esforços desenvolvido para atender às exigências das tarefas. Esse conceito abrange os esforços físicos, os cognitivos e os psicoafetivos (emocionais). [...] Como a carga de trabalho implica intensidade e portanto, quantificação, um imenso desafio é colocado quando se trata da dimensão subjetiva. (SELIGMANN-SILVA, 1994, p. 58).

Comecei ontem, foi o primeiro dia. Primeiro eu tive que carpir na beira da estrada, onde o trator passa. Depois, teve uma caninha de mato, bem alta... tive carpir todo aquele mato pra eles poderem cortar a cana depois. [...] eu saio de casa às cinco e meia da manhã. O ônibus passa as dez pras seis, pra ir pro campo. Chego lá às sete horas da manhã, aí eu como uma marmitinha. Aí você come um pouco de manhã, e um pouco meio dia. E vai carpindo, [...]. Tem mil e duzentos metros. E ontem, rapaz, eu deitei no meio da cana, de cansaço. Você leva a marmita pra comer, e não dá tempo nem pra mastigar. A garganta puxa sozinha. (E1).

É assim, chega às sete horas da manhã e vai até umas três horas da tarde. O fiscal quer que a gente trabalhe até as cinco [...] Depois das três horas, seria hora extra, mas a gente nunca recebe por isso. Só cansa mais ainda. (E5).

Ah, tem também uma pausa de 10 minutos... a cada duas horas. [...] E é obrigatório. E se você não parar, eles ficam de olho em você e depois você vai ficar três dias em casa, vai tomar suspensão... Por quê? Acho que eles estão fazendo o melhor pra gente.⁶ (E14)

Alessi e Navarro (1997b) descrevem como o processo de trabalho no corte da cana envolve um conjunto de atividades extenuantes, as quais são relatadas a seguir:

[...] atividades presentes desde o momento em que o cortador acorda para vestir-se, preparar suas refeições e providenciar seus instrumentos de trabalho, embarcando em caminhões, ônibus ou tratores, ou caminhar até a lavoura. [...] onde as condições presentes nos ambientes de trabalho são insalubres e perigosas. Manifestam-se normalmente em temperatura elevada, que se acentua no decorrer da jornada, com mudanças bruscas desta temperatura, [...] utilizando roupas sobrepostas, saias sobre calças compridas, camisas de mangas compridas, luvas improvisadas com meias e lenços cobrindo os rostos e a cabeça sob chapéus ou bonés. Levantar as 4 e 5 horas da manhã faz com que alguns trabalhadores almocem assim que chegam na lavoura, ou então por volta das 11 horas. [...] O corte na base da

⁶ O quadro que emerge do processo em curso de inserção ocupacional do jovem é o de conformação de padrões heterogêneos de integração da juventude ao mundo do trabalho. Nesse caso, nota-se que a ação que pode resolver essa situação passa necessariamente pela reformulação das políticas públicas e da modificação da sociedade. (POCHMANN, 2000, p. 82).

cana exige do trabalhador uma sequência ritmada de movimentos corporais. Com um dos braços, o trabalhador abraça o maior número possível de colmos de cana. Em seguida, curva-se para frente e, com o podão seguro por uma de suas mãos, golpeia com um ou mais movimentos a base o mais próximo possível do solo. Em seguida, faz um movimento de rotação e levanta o feixe de cana já cortado, depositando-o em montes atrás de si. [...] Durante toda a jornada, o trabalhador repetirá exaustivamente os mesmos gestos. Tais movimentos, podem levar o trabalhador a diminuir seu limiar de atenção, aumentando a possibilidade de acidentes com o próprio podão. (ALESSI; NAVARRO, 1997b, p. 10-11).

Em seu segundo dia, (E1) já demonstrava sinais aparentes de bastante cansaço e preocupação com o trabalho. Foi mencionado que a usina lhes fornece uma certa quantidade de pacotes de repositores de sais minerais para serem diluídos em seus garrafões de água, em razão dos líquidos perdidos durante a execução do trabalho. Um dos entrevistados (E12) apresentou a embalagem, de um repositore energético para atletas. Os demais entrevistados confirmaram a utilização do mesmo para fins de reposição mineral, afirmado como um benefício dado pela usina.

O segundo dia meu foi hoje, e só tive que carpir o mato [...] porque senão eu teria desmaiado lá no meio da cana. Pro cansaço, dão um pacotinho de suco, todo dia [...] Hoje, chegar em casa, foi como chegar no céu. (E1).

Tem um sorinho que eles dão na usina. Eles dão, mas não é pra cortar mais não, é pra não se cansar. Quando você força muito você pode ter câimbra. Aí [o soro] dá energia. Você toma ele ao meio-dia, é só por na água, desmanchar e tomar, não dá câimbra no corpo, você consegue trabalhar todo dia. (E12).

Outro dado bastante preocupante foi a utilização dos banheiros. Apesar da existência de cabines sanitárias no campo, muitos trabalhadores fazem suas necessidades a céu aberto, em áreas onde não há cana, apenas mato.

Pra ir ao banheiro, pode sair, você não precisa pedir não. Mas é no meio do mato. Porque até tem lugar que tem casinha... mas a gente deixa pras mulher usar. (E1).

O transporte até os canaviais era realizado por ônibus que, segundo os trabalhadores entrevistados, possuía condições bastante precárias de manutenção. Acidentes com transporte de cortadores de cana são periodicamente noticiados pela rede de telejornalismo, mas as condições dos veículos de transporte são raramente questionadas. Em uma das visitas à cidade de Pradópolis (SP), um dos entrevistados comentou sobre três cortadores de cana que haviam sido despedidos pela usina naquela tarde, antes mesmo de completarem os três meses de trabalho, por terem discutido com o encarregado de produção, reclamando das condições do ônibus que os conduzia para a usina.

Nós saíamos daqui às quatro horas da manhã, e no meio do caminho o ônibus quebrava. Tinha que esperar que o outro viesse buscar, então chegava no serviço meio-dia. Aí já não compensava não. Disseram que ia mudar de ônibus, a gente até falou com o chefe da usina. Mas hoje mesmo a gente terminou o trabalho meio-dia, e ficamos até agora esperando. Já são cinco horas, esperando um ônibus, que podia ter matado a gente, e fizeram a gente vir nele ainda. O ônibus não acendia o farol, não tinha freio. Inclusive os que reclamaram ficaram marcados e foram até mandados embora por causa disso. Então, quando chegou lá no canavial, o dono da turma tratou a gente com ignorância. Quando a gente disse que não iríamos subir no ônibus sem freio, ele disse que a gente não queria trabalhar. Ele disse que, se a gente quisesse andar de ônibus bom, que fôssemos fazer turismo. (E8).

Um dos trabalhadores demitidos confirmou as informações e, com bastante insatisfação, comentou o quão difícil era a situação, não apenas por perder o emprego, mas,

principalmente, por voltar para sua terra natal antes do término da safra, sem poder levar aos seus familiares o dinheiro que esperava ganhar com o trabalho na colheita da cana.

4.7 Pagamento por produção

Marx (1983) já defendia os limites da jornada de trabalho, dado o pressuposto de que a força de trabalho deva ser comprada e vendida pelo seu valor, e a variação da jornada de trabalho deveria ocorrer dentro de certos limites: mínimo, que é indeterminável; e máximo, que é limitado física e moralmente.

O salário do cortador de cana é diretamente proporcional à sua produção. Todos os trabalhadores entrevistados enfatizaram a importância da realização de uma produção suficiente para que possam receber um salário que lhes permita arcar com suas despesas de manutenção ao término do mês. Desta forma, demonstram ciência da necessidade de produzir uma média de dez toneladas por dia, para obterem um rendimento mensal em torno de R\$ 650,00 a R\$ 700,00. Ao final da safra, ao fazerem o desligamento de seus empregados, as usinas devem efetuar o pagamento do acerto, no qual são calculados os valores do décimo terceiro salário, das férias e do fundo de garantia, proporcionais ao período trabalhado. E muitos trabalhadores contam com esta rescisão contratual para receber tal valor, que utilizarão para a compra da passagem de retorno a sua terra, levando consigo parte deste dinheiro, inclusive para sua manutenção nas entressafras. Daí a importância de permanecer até o fim da safra, pois retornar antes de seu término, significa não ter a quantia de dinheiro prevista para levar para casa além deste fato poder ser encarado como de fracasso.

Mas ele tem que atingir no mínimo um salário base, que é de quinhentos e vinte e cinco reais. Se o cara não atinge aquele salário,

a usina não quer ele de jeito nenhum, porque o ministério do trabalho e o sindicato obriga a usina a pagar o piso. Aí se o cabra não atinge aquela metragem, ela [a usina] tem que cumprir pra ele. Se a cana é boa é mais barato, se for mais ruim é mais caro. Tem cana de cinquenta centavos, tem cana de trinta centavos, tem cana de doze centavos o metro. Quando ela é cortada queimada é mais barato, quando é cortada na palha é mais caro. [...] Recebe um cheque de quinhentos, seiscentos reais a cada quinze dias. E no final da safra tem um acerto pra ti, que depende da tua produção. (E9).

Nota-se também a dualidade entre a queima da cana ou o corte da cana crua, visto que ambos acarretam prejuízos à saúde:

Na cultura canavieira, a redução do trabalho vivo dá-se através da mecanização de etapas do processo de cultivo e da colheita da matéria-prima. O uso de máquinas na colheita da cana-de-açúcar é crescente em todo o Estado de São Paulo e gerou curiosa polêmica: quando o setor é chamado a discutir o problema do desemprego causado pela mecanização de processos produtivos, a tendência é apontar como solução a manutenção do corte manual, que exige, segundo os empresários, a queima da cana (com conseqüentes prejuízos à saúde coletiva e ao meio ambiente). [...] Resulta então que, aos trabalhadores, resta apenas a opção do trabalho duro ou a ausência de trabalho. (RUMIN; NAVARRO; PERIOTO, 2008).

Mas nem todos os trabalhadores conhecem os preços a serem pagos pela cana cortada. Confiam sua produção ao encarregado de turma, que é responsável pela coleta e pesagem.

Pra falar a verdade, nós não sabemos nem o preço da cana, porque a gente quando trabalha lá só tem que saber cortar a cana. Um cara bem esforçado mesmo ganha um troquinho a mais. Só que o que adianta, o cara se esforça, se arreventa todo, e aí vai fazer o que da vida? (E5).

Eu sou um pequeno produtor no corte, todo mês eu tiro uns setecentos reais. Mas tem gente que tira em torno de oitocentos a mil reais. (E12).

[...] Mil reais, você tem mil reais guardados... Aí do acerto, vamos supor que fique em dois mil... Eu não sei na usina X, mas na usina Y parece que o acerto é muito pouco. Aí não vira pra nada, a gente pega o acerto, e com o dinheiro que a gente tem guardado a gente pega e compra a passagem e vai embora, sobra pouco pra gente comprar alguma coisa... (E5).

Alves (2006) traz uma crítica a esta forma de pagamento por produção, no corte da cana, que apresenta exatamente a realidade retratada pelos trabalhadores entrevistados, mostrando como trabalham no corte de cana por produção, em pleno século XXI, sem saberem quanto ganham, visto que isto depende do quanto cortam. Além disso, mesmo cortando muitos metros podem ter um ganho pequeno, porque o valor do metro depende de uma conversão que não é controlada pelos trabalhadores e sim pelas usinas (ALVES, 2006).

Diante da busca por mão-de-obra volante, jovem, migrante, e com pagamentos por produção, a agroindústria canavieira do interior paulista depara-se com uma superprodução de cana-de-açúcar crescente a cada ano, ao mesmo tempo em que cresce o número de migrantes e também de mortes de cortadores de cana na execução de seu trabalho nos canaviais, retratados por Alves (2006) e Facioli (2007). É fato que, em qualquer âmbito do trabalho, o rendimento do ser humano não será sempre o mesmo. Mas a intensificação do ritmo de produção, diretamente relacionada com sua remuneração, também pode induzir estes trabalhadores a uma busca pela superprodutividade, chegando a atingir não dez, mas dezoito toneladas ao dia, aumentando-se os riscos de morte por exaustão.

4.8 O tempo livre do jovem migrante

A jornada não utilizada no trabalho é chamada de tempo livre. O tempo livre dos entrevistados é diretamente afetado pela realização de atividades decorrentes de sua situação

de migrantes (manutenção das moradias e divisão de tarefas) e de empregados no corte da cana (manutenção dos equipamentos), o que corrobora com a literatura voltada ao início do século XX, quando a média da expectativa de vida de um brasileiro estava abaixo dos 40 anos, pois, levando-se em consideração que sua sobrevivência estava relacionada ao seu trabalho, o tempo do jovem era quase que totalmente absorvido pelas longas jornadas de 14 a 16 horas por dia, ou seja, o brasileiro trabalhava até o total esgotamento de suas energias, saúde e força vitalícia (POCHMANN, 2000).

Na maioria das usinas da região a cana é cortada inclusive aos sábados. Portanto, os dias de descanso do trabalhador compreende o sábado depois do almoço e o domingo. Ainda que alguns dos entrevistados tenham relatado costumar jogar futebol nesses dias, a grande maioria informou que nos finais de semana o tempo é usado para o descanso, para recompor as forças para a próxima semana de trabalho, alguns também relataram ir à igreja. Além disso, também usam o “tempo livre” para lavar as roupas, os sapatos e caneleiras usadas no campo, limpar a casa, fazer comida. Os poucos momentos de relaxamento são quando encontram os amigos nos campinhos de futebol ou nos bares, onde conversam, bebem, ouvem músicas, jogam sinuca etc. Muitos relataram que bebem cachaça⁷, para relaxar, de vez em quando dá até pra tomar uma cervejinha, mas isto é exceção devido ao preço.

No sábado “nós vamos até fulerá”. Sabe por quê? Em vez de ficar descansando, nós vamos tomar cachaça. [...] Eu também gosto de jogar bola, mas aqui não to fazendo porque tem o trabalho, e se machucar jogando bola dá problema. Eu também vou pra igreja. (E10).

A gente pensa que o fim de semana é tão folgado assim, mas não é, porque você tem que lavar roupa, lavar o barraco, tem que lavar o sapato, tem a blusa do outro dia, tem que ir à feira, supermercado

⁷ O álcool também pode ser adotado para anestesiá-lo sofrimento. (SELIGMANN-SILVA, 1994, p. 229).

[...]. Mas quando chega o sábado à noite, a gente vai pras festas, forró, vai procurar alguma coisa. Só no domingo, às oito horas, é que a gente vai cuidar das coisas. Às vezes, na segunda-feira a roupa está do mesmo jeito que a gente trouxe do canavial [risos]. (E9).

Nossa folga é domingo, aí todo mundo tem que lavar tudinho, pra segunda-feira estar tudo pronto. Nós tomamos nossa cachaça, mas quando é segunda-feira, tem que estar na roça. Se você não quiser a falta você tem que ir. (E12)

Não bebo e nem fumo não, sou filho de Deus. (E1).

A análise da equação trabalho/saúde/tempo livre nos dias atuais passa pela compreensão da lógica que rege a intensificação do trabalho na sociedade capitalista contemporânea. Lógica esta que desemprega, extingue empregos formais e cria toda sorte de trabalhos precários; lógica que produz tecnologias altamente sofisticadas que permitem aumento nos ganhos de produtividade, diminuição do tempo necessário para a produção e, ao mesmo tempo, amplia a jornada de trabalho e intensifica a utilização de horas extras em prejuízo da saúde e do tempo livre das pessoas (NAVARRO, 2006).

4.9 Reflexos na saúde

O grau de fragilidade e desamparo dos trabalhadores aqui apresentados também pode ser percebido na clara relação entre jornada de trabalho e ausência do convívio familiar. De acordo com Seligmann-Silva (1994), a qualidade do relacionamento do indivíduo com seus familiares é diretamente afetada pela estrutura temporal do trabalho, pois quanto maior a jornada de trabalho, menor a convivência familiar, e, conseqüentemente, maiores os desgastes

físico e mental. Para o trabalhador rural e migrante, este desgaste se torna ainda maior no que tange não somente ao distanciamento familiar, mas também ao dilaceramento de sua cidadania através do trabalho itinerante e sobrecarregado, fenômenos que fraturam a identidade e o projeto de vida, com reflexos profundos na vida psíquica e na sociabilidade desses jovens trabalhadores.

Tabela 4 – Frequência das categorias temáticas das verbalizações dos trabalhadores migrantes empregados nas lavouras de cana-de-açúcar na cidade de Pradópolis (SP) que expressam suas condições de saúde.

	Número de respostas	Percentual da amostra
Dores musculares / membros	11	78%
Dores na coluna	8	57%
Dores de cabeça	4	28%
Câimbras	3	21%
Cansaço excessivo	12	85%
Não apresenta queixas	2	14%

As queixas mais frequentes apresentadas nos depoimentos foram de dores musculares, dores na coluna vertebral, insolação, desidratação, dores de cabeça, inchaços nos braços, câimbras e tremores:

Passei mal. Já tive dor na cabeça, com febre, por estar muito cansado, porque força muito. [...] Morre gente disso. Já ouvi meu irmão falar que viu gente que morreu abraçado com um monte de cana, morreu. (E2).

[...] Coloquei as roupas no varal e fui descansar a batata da perna, os pés, a coxa, o braço, porque dói tudo. Outro dia mesmo, tinha um que tava gritando lá, gritando, falando que ia morrer. Já chegou lá vomitando, vomitava sangue... E teve um outro que foi entrar no banheiro pra tomar banho e desmaiou. [...] Eu só tive câimbra nos primeiros dias, fechava a mão com o cabo do facão e não conseguia abrir... (E1).

Fico doente e não sei por quê. Uma fraqueza, nem comer eu comia, não tinha fome. [...] As pessoas se acabam aqui. A minha amiga veio pra cá e deu uma doença na mão. [...] Colocaram ela pra cortar “unha de gato”, sabe o que é? É um pau grosso, e tem um pau dentro mais grosso ainda, ele é duro... E colocaram a mulher pra derrubar. [...] deu um problema na mão dela, e ela foi fazer cirurgia. Quando foi lá pro final da safra, no final do ano, deram conta pra ela, por causa do defeito da mão... A mão nunca sarou direito. (E10).

Tive problema assim, na coluna, uma dor nas costas, aí para e toma um remédio lá. É o município mesmo que dá o remédio no posto. (E11).

Essa semana mesmo que passou, a gente levou um colega que trabalha com a gente, no médico, porque deu câimbra demais, mas ele também não usa o soro. É o segundo da nossa turma mesmo, ele é bom. Tava cortando aí deu câimbra nele, ele não podia nem caminhar não. Que nem o outro menino que trabalha junto com nós. Atacou uma dor nele, uma dor nas pernas dele, a gente se reuniu nós todos pra gente ajudar ele, assim pra fazer de conta que ele tinha trabalhado, mas não aceitaram. Porque tem uma metragem de acordo. [...] Tá inteirando dois meses que ele não trabalha mesmo não, ele não tá nem conseguindo andar direito. (E9).

Segundo Silva (2007), o grande esforço físico exigido neste tipo de atividade tem sérias implicações para a saúde destes trabalhadores. É comum a ocorrência de câimbras, dores lombares, comprometimentos da coluna vertebral e tendinites. Constata-se, também, que o aumento da exigência de força física no trabalho está forçando a introdução cada vez maior de jovens nesse ramo. Seligmann-Silva (1994) demonstra como a fraqueza e o cansaço físicos estão diretamente relacionados ao cansaço mental:

A fadiga mental é indissociável da fadiga física. [...] Nos casos em que o cansaço se acumula ao longo do tempo, surgem os quadros que tem sido designados como fadiga crônica ou fadiga patológica, marcada não apenas pelo cansaço que não cede ao sono diário, mas também pelos distúrbios do sono, pela irritabilidade, pelo desânimo e às vezes, por dores diversas e perdas de apetite. Esse desgaste, passando pela dimensão corpórea, se faz desgaste aferível em termos de danos orgânicos, além de conter o sofrimento mental de inúmeras perdas. [...] quanto maior o cansaço, menor a possibilidade de participação social e lazer ativo significativo. Deste modo, o cansaço se faz ponte importante para a intensificação de uma sujeição que, muitas vezes, é a véspera da alienação. (SELIGMANN-SILVA, 1994, p. 80).

Percebe-se aqui um esgotamento das forças e os sinais de desgastes físicos, que, pouco a pouco, sucateia seus corpos, levando lentamente as suas energias para serem colhidas juntamente com a cana que cultivam. De acordo com Lacaz (2007), pode-se notar neste processo de trabalho, a nocividade advinda do capitalismo e suas implicações: alienação da mente e sobrecarga de trabalho sobre os corpos, ocasionando um desgaste impeditivo de quaisquer potencialidades do ser humano.

Marx (1983) já definia o trabalho como um processo entre o homem e a natureza, comparando o trabalho de um arquiteto ao de uma abelha, e o quanto esta se sobressai na perfeição dos favos de sua colméia. Contudo, o que distingue o trabalho do arquiteto ao trabalho desta abelha é que o homem, primeiramente, construiu o favo em sua cabeça, para depois realizá-lo. Mas se para o homem o trabalho é sempre uma atividade coletiva, é parte das relações sociais. Segundo Netto e Braz (2007), é o trabalho que torna possível a produção

de qualquer bem, sendo o responsável pela criação dos valores que constituem a riqueza social.

4.10 Impressões, sentimentos e expectativas

Tabela 5 – Frequência das categorias temáticas das verbalizações dos trabalhadores migrantes empregados nas lavouras de cana-de-açúcar na cidade de Pradópolis (SP) que expressam suas percepções, sentimentos e expectativas.

	Número de respostas	Percentual da amostra
Preocupação quanto à saúde	12	85%
Desapontamento com o trabalho nos canaviais	4	28%
Saudade dos familiares e amigos	14	100%
Intenção de retorno na próxima safra	10	71%
Conformismo / Falta de perspectivas de melhorias	9	64%
Frustração	9	64%

Após alguns meses cortando cana, parte dos entrevistados expressou sua opinião sobre a atividade em questão, já demonstrando preocupação com as possíveis consequências deste trabalho para sua saúde (85%).

Em razão do distanciamento de seu meio social e familiar, todos os trabalhadores entrevistados mencionaram o sentimento de saudade, outros confessaram a existência de alguns momentos de solidão, com ênfase para os que apresentaram problemas de saúde neste período. Apesar do desapontamento com esta realidade, 71% dos entrevistados têm intenção de retorno para as lavouras da cana nas próximas safras, em virtude da falta de oportunidades

em sua região, surgindo também o conformismo com sua realidade social (64%). E, finalmente, sendo mencionado também em 64% dos depoimentos, emerge o sentimento de frustração, quando percebido que o tipo de trabalho real era bem diferente do imaginado anteriormente.

O cara trabalha até, quase morrer. Eu não. Eu levo no meu “pancadão”, pra eu não borrar, porque se seu borrar, pra eu morrer é fácil. Eu já perdi muito sangue no corpo. Olha meu pé aqui. [mostra o pé com cicatriz] Isso aqui foi no machado. Quando eu era pequeno eu botava sangue do nariz à toa. Por isso que me poupo, não é que eu não quero trabalhar, coragem eu tenho, mas eu nunca vou fazer isso na minha vida, porque eu sei que eu não resisto. Não adianta eu querer fazer o que eu não posso. (E12).

[...] Desse jeito não. Eu prefiro trabalhar cinco anos plantando feijão e milho do que um ano cortando cana. Serviço melhor eu não vou achar, porque eu não tenho estudo pra isso. Não acha, não. (E1).

Vamos supor, com os meus estudos... Lá [no Maranhão] eles vivem de quê? Não tem porque eu querer me formar pra medicina, onde é que eu vou entrar lá? Não tem pra onde entrar lá. O cara vai terminar os estudos lá pra vir cortar aqui? Não adianta nada... Eu quero ficar aqui até 2010. Eu pretendo... (E5).

Boa parcela dos trabalhadores canavieiros vive em condições semelhantes às do trabalho escravo e da superexploração. Deixam seus lares e terra natal para enfrentar uma terra de gigantes, e doar toda sua mais-valia, trazendo consigo a esperança da carteira assinada, mas deparando-se com a dura rotina de exaustivo trabalho, que se inicia antes do raiar do dia, durando em campo, até o sol das quatro da tarde. Realidade bastante retratada

pelos estudos de Alves (1989), Silva (1999; 2002; 2006; 2007), e também por Alves (1989) e Novaes (1993; 2007).

Olha, quando eu comecei era cansativo, eu entrei em desespero. A hora que eu cheguei aqui na primeira vez, eu falei: “Misericórdia, isso aqui é um horror”, mas graças a Deus, eu fui tendo forças, porque quando você tá no canavial, você sabe que quanto mais você faz mais você pode ganhar. Ali, é só fazendo mesmo. (E14).

Tem hora que você fica zangado, com a situação, só que aquela zanga tua é só no momento que você está trabalhando, naquele momento que você está fazendo aquele serviço ruim. Mas quando dá no final, ou no dia de pagamento, você fica alegre. (E9).

Não é só ruim o trabalho, mas também porque é longe. Quando a gente trabalha, é pesado mesmo, às vezes a gente conta até mil vezes. [...]Dá muita saudade de casa também (E2).

Não tinha noção assim totalmente, mas mais ou menos eu tinha. Porque o pessoal dizia assim: “cortar cana é igual a trabalho de roça”. Trabalho de roça eu já trabalhei no Maranhão, lá a gente planta arroz, planta milho, mandioca, como vocês dizem aqui... Aí planta feijão, tudo, derruba árvore grande, derruba palmeira e tudo... Imaginei que era mais ou menos essa base do esforço que eu ia ter aqui, só que não é igual, trabalho de cana é muito ruim. (E5)

A frustração mostra-se ainda maior diante da não concretização da safra, em virtude do desligamento pela usina, após os três meses de experiência, sendo obrigados a voltar para a terra natal sem receber o acerto e tendo ainda que prestar satisfação aos conhecidos e tentar explicar o motivo da impossibilidade de conclusão do trabalho:

O serviço, bom não é não, mas pra quem não ganhava um tostão lá, ajudava. Agora que eu comecei a aprender a cortar cana, tava me animando... Aí, agora eles foram mandados embora, eu acho que eu vou junto com eles. Só eu e outro não fomos mandados embora, aí não tem jeito da gente ficar aqui na casa só a gente pagando aluguel caro. Gastar mais do que ganha. Difícil é explicar porque uns voltam, e outros não... (E8).

Este é o quarto ano do meu amigo. Já levou até moto, comprou muita coisa pra dentro de casa, entendeu. E eu volto de mãos vazias. (E7).

Motivados pela idéia da oportunidade de emprego que lhes garantisse “bom retorno financeiro” estes jovens deixaram suas famílias e rumaram para o sudeste. Aqui se depararam com a dura realidade do trabalho nos canaviais, como bem explica Seligmann-Silva:

O indivíduo percebe as diferenças entre sua própria realidade e a descrição de uma realidade bem sucedida, projetada e sancionada pelos meios de comunicação de massa e outros aparelhos ideológicos. [...] Não há vinculação entre o seu ser individual e seu ser social. (SELIGMANN-SILVA, 1994, p. 279).

Trabalho penoso que exige além de destreza para manusear o facão, muita força física. Acrescido das más condições de trabalho, enfrentam ainda as agruras de uma região desconhecida, com o clima frio da madrugada e péssimas condições de moradia, que ainda agravam o pouco tempo livre para descanso.

Eu nunca mais! O frio das três da manhã, e o calor do meio dia. Lá onde eu moro é quente, mas aqui é diferente. Eu quero cuidar de roça, se um dia eu voltar pra cá, mas pra cortar cana eu não quero não, é ruim demais... Tenho uns amigos que trabalham lá em São Paulo, vou ver se consigo um emprego por lá... (E8).

Ah... eu até vou continuar com a cana mais um tempo. Mas o único serviço que é o meu sonho... O meu sonho mesmo é cuidar de porco. Porque eu tenho amor ao negócio de porco. Só não posso matar. Posso capar, limpar chiqueiro, tirar filhote, tratar igual a um pato, dá até pra brincar, segurar pra lá, pra cá. Se tiver que segurar pra capar também, eu seguro. Mas é disso mesmo que eu tenho vontade. Porque meu estudo não dá pra outra coisa. [...] Um dia eu vou achar uma granja de porco pra eu cuidar, pra eu tomar conta deles. (E1).

Eu acho que vou continuar cortando cana sim. A gente fala que não vem. Só que é aquele negócio, a gente tem aquela profissão... Aí, quando você está lá no Maranhão, e está achando ruim, sem trabalho, parado, sem dinheiro, gastando o pouquinho que levou... você começa a comprar uma coisa, comprar outra, e aí não tem como você conseguir outro dinheiro. (E9).

Não vejo a hora de voltar pra casa, nem me fale, eu estou contando os dias, as horas, os segundos. Eu vou contar uma história... quando eu chegar lá em casa, é que eu vou pensar se eu volto ou não pra cá. Mas também se não der, quando eu chegar lá eu resolvo. (E11).

Rapaz... Deus me livre de cortar cana pra sempre. Pro resto da vida, eu quero só praia ... [risos]. Eu tenho um plano na minha cabeça assim, que eu não sei se vem ao caso de dar certo, um plano de comprar pelo menos umas duas mesas de bilhar, e quando eu chegar lá, no fim do ano, deixar uma lá em casa, e alugar a outra. Dá um dinheiro bom. (E5).

A decisão pela permanência ou não no corte da cana será decorrente de todas as questões estruturais anteriormente apresentadas, que vão desde as razões que impulsionaram a migração destes trabalhadores, aos primeiros sinais de desgaste de suas condições de saúde, associados ao sofrimento psíquico, que possivelmente decorrem dos sentimentos de

impotência e distanciamento de seus familiares e terra natal. Relataram não ter intenção de voltar para este tipo de trabalho. No entanto, diante da falta de perspectivas de melhoria nas condições de vida, na oferta de empregos, de ter recursos para se manterem na condição de pequenos agricultores na região de origem, muitos destes migrantes, apesar de afirmarem não ter intenção de continuar na lavoura de cana, acabam retornando aos canaviais na próxima safra.

Seja no meio rural ou urbano, a saúde do trabalhador jamais poderia ser colocada à prova, em virtude da sobreposição de cargas laborais, que dilapidam o indivíduo como um ser, um ser social e com o direito de ir e vir. Um ser regido pelas relações interpessoais e responsável pelo fruto de seu trabalho. Mas que este fruto possa se converter em benefícios que lhe incentive e lhe permita crescer dentro de sua subjetividade, e que não lhe supra, dia a dia, o seu dom mais precioso, ou seja, sua vida. Cabe-nos aqui indagar se seria este então o alto custo para o recebimento de salários vinculados a uma exigência cada vez maior de produtividade individual, em que a venda de sua mão-de-obra está diretamente relacionada a renúncias sociais e aniquilações subjetivas.

Dessa forma, nota-se que enquanto uma parcela [em expansão] sofre com o desemprego e com a falta de colocação no mercado de trabalho, outra, que continua empregada, padece de males conseqüentes do excesso e da sobrecarga de trabalho que lhe são impostos. A explicação para este problema pode ser buscada nessas mudanças ocorridas no mundo do trabalho nas últimas décadas, que trouxeram como traço marcante, por um lado, uma fantástica inovação tecnológica e, por outro, uma intensificação da exploração da força de trabalho, através do aumento de jornada, do ritmo, de contratos precários, da diminuição do tempo livre e do crescimento do desemprego (NAVARRO, 2006).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalhador migrante é aquele que deixa para trás sua casa, sua ocupação, seus pais, sua esposa, seus filhos, parentes e amigos e chega ao local de trabalho despojado, livre de qualquer tipo de amarras, trazendo para negociar apenas sua força de trabalho. Estes indivíduos têm o perfil ideal para se empregar no trabalho de colheita da cana, dado que, em sua maioria, foram, desde crianças, socializados para o trabalho duro da roça no sertão. Por terem sofrido privações, possuem maior capacidade para suportar mais as agruras do corte da cana. O emprego longe de casa representa questão de sobrevivência para ele e sua família e, talvez, seja esse um dos fatores que podem explicar a aceitação de diferentes formas de exploração: a exploração do seu corpo, que trabalha sem cessar golpeando a cana num ritmo frenético, almejando atingir a meta de 10 mil quilos de cana cortada ao dia, e a usurpação de seus direitos, dentre os quais o direito à organização.

Observou-se que os depoimentos dos participantes traziam a falta de empregos na região do Maranhão e a necessidade de ajuda financeira para sustento de suas famílias como principais fatores motivacionais para a migração. A pesquisa revelou a árdua rotina de trabalho vivenciada pelos migrantes que iniciam seu dia entre quatro e cinco horas da manhã, preparam sua marmita e equipamentos de trabalho de forma ligeira para não perder o ônibus que os leva até a plantação de cana. O ônibus que “não espera”; se perder, perde o dia. Chegam à roça por volta das seis e meia da manhã, onde permanecem até as três e meia da tarde, rotina repetida de segunda a sábado.

O grande esforço físico despendido neste tipo de atividade, o ritmo de trabalho, as condições insalubres e a extensão da jornada, trazem sérias implicações para saúde destes trabalhadores. As queixas mais freqüentemente relatadas foram: dores musculares, dores na

coluna vertebral, insolação, desidratação, dores de cabeça, inchaços nos braços, câimbras e tremores.

O pagamento por produção revelou-se como um dos mais perversos mecanismos de exploração daqueles trabalhadores. A existência de metas de produção que estabelecem o corte de 10 a 12 toneladas de cana ao dia, além de estimular a competitividade entre os trabalhadores em benefício das usinas é também maneira eficiente de selecionar os mais aptos a suportar este tipo de trabalho, pelo qual recebem entre R\$ 650,00 e R\$ 700,00 ao mês.

Apesar do desapontamento, do sentimento de frustração em relação ao trabalho que se mostrou muito diferente do que era imaginado e do reconhecimento do quão penosa e prejudicial à sua saúde é esta atividade, 71% dos entrevistados têm intenção de retorno para as lavouras da cana nas próximas safras, em virtude da falta de oportunidades de emprego que lhes possibilitem assegurar a sua subsistência e a de sua família.

A contribuição deste estudo insere-se no desafio de identificar as condições de trabalho no campo e na vida do jovem migrante. Espera-se que, a partir dos dados coletados nesta pesquisa, novas reflexões possam ser desenvolvidas para equacionar esta problemática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALESSI, N. P.; NAVARRO, V. L. **Saúde e trabalho rural: o caso dos trabalhadores da cultura canavieira na região de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.** Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, RJ. v. 13, n. supl. 2, p. 111-121, 1997 (a).

_____. **O trabalho de crianças e adolescentes na cultura canavieira e os impactos sobre sua saúde.** Informações Econômicas, V.27, N.6, p. 7-16, 1997 (b).

ALESSI, N. P.; SCOPINHO, R. A. **A saúde do trabalhador do corte de cana-de-açúcar.** In: Saúde e Trabalho no Sistema Único de Saúde, N. P. *et al* (Orgs.) São Paulo: Ed. Hucitec, 1994.

ALVES, F. **Porque morrem os cortadores de cana?** Saúde e Sociedade vol.15 no.3 São Paulo Set./Dez.2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902006000300008> Acesso em 15 fev. 2009

_____. **Migração de trabalhadores rurais do Maranhão e Piauí para o corte de cana em São Paulo: Será esse um fenômeno casual ou recorrente da estratégia empresarial do Complexo Agroindustrial Canavieiro?** In: Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro). São Carlos: EduFSCar, p. 21-54, 2007.

ALVES, J. C. A. **Mecanização do corte de cana e movimento dos trabalhadores assalariados volantes na região de Ribeirão Preto: algumas reflexões.** Projeto de intercâmbio de pesquisa social em agricultura. Encontro 13. v. 3, Botucatu, 1989.

ANDRADE, M. C. **Modernização e Pobreza: a expansão da agroindústria canavieira e seu impacto ecológico e social.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

_____. **Os caminhos da liofilização organizacional: as formas diferenciadas da reestruturação produtiva no Brasil.** In: Idéias, Campinas. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: Unicamp. Ano 9(2)/10(1): 13-24. 2002/2003.

BIERNARCKI, P.; WALDORF, D. **Snowball sampling-problems and techniques of chain referral sampling.** Sociological Methods and Research. vol. 10, p. 141-163, 1981.

DURHAM, E. R. **A família operária: consciência e ideologia.** Dados. Rio de Janeiro, vol. 23, n.2. 1980.

FACIOLI, Ir. I.; PERES, Pe. G. **Histórico de Cortadores de Cana mortos no setor canavieiro.** Disponível em: <<http://www.pastoraldomigrante.org.br>> Acesso em: 13 jan. 2009.

GONÇALVES, D. B. **A regulamentação das queimadas e as mudanças nos canaviais paulistas.** São Carlos: Rima, 2002.

IANNI, Octávio. **Origens agrárias do estado brasileiro.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em <<http://www.ibge.com.br>> Acesso em: 11 nov. 2009.

INSTITUTO GEOGRÁFICO E CARTOGRÁFICO. Disponível em: <<http://www.igc.sp.gov.br/mapasRas.htm#ribpreto>> Acesso em: 14 set. 2008.

INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br>> Acesso em: 04 nov. 2008.

JANK, M. S.; NASSAR, A. M.; TACHINARDI, M. H. **Agronegócio e Comércio Exterior Brasileiro.** In: Revista USP. Brasil rural. São Paulo: USP CCS, vol. 64: 15-27, 2004.

KULESZA, Tereza M. **Processo de trabalho e saúde na lavoura canavieira em Sapé: delineando relações e perfis.** 1995. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB, 1995.

LACAZ, F. A. C. **O campo Saúde do Trabalhador: resgatando conhecimentos e práticas sobre as relações trabalho-saúde.** Escola Paulista de Medicina. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2007.

MANCUSO, M. A. **Exploração da mão-de-obra, condições de moradia e alimentação, submissão a esforço excessivo e à morte de trabalhadores rurais, lavoura de cana-de-açúcar, região de Ribeirão Preto – SP.** In: Ata de Audiência Pública. Ministério Público Federal. Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão, representação 1.34.001.004356/2005-91.

MARX, K. **O Capital. Crítica da economia política.** Vol. 1 Livro Primeiro, Tomo 1, São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MELLO, M. C. D. **O “Bóia-Fria”: acumulação e miséria.** Petrópolis: Vozes; Presidente Prudente: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1975.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1994.

NAVARRO, V. L. **O trabalho e a saúde do trabalhador na indústria de calçados**. São Paulo em perspectiva. vol. 17(2), 2003.

_____. **A indústria de calçados no turbilhão da reestruturação**. In: Antunes, R. (Org.). Riqueza e miséria do trabalho no Brasil. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

NETTO, J. P.; BRÁZ, M. **Economia Política: uma introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 2007.

NOVAES, J. R. P. **Modernização, relações de trabalho e poder: um estudo das transformações recentes na agroindústria canavieira do Nordeste**. Campinas: UNICAMP, 1993.

_____. **Campeões de Produtividade: dores e febres nos canaviais paulistas**. Estudos Avançados 21 (59), 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v21n59/a12v2159.pdf>>.

NOVAES, J. R. P.; ALVES, F. **Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)**. São Carlos: EduFSCar, 2007.

NOVAES, J. R. P.; ALVES, F.; VIDAL, C. **Migrantes**. São Carlos: MP2 Produções. Universidade Federal de São Carlos. Universidade Federal do Piauí, 2007. Vídeo documentário.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **A OIT e o emprego de jovens**. 2005 Disponível em: <<http://www.oit.org.br>> Acesso em: 18 mar. 2010.

POCHMANN, M. **A batalha pelo primeiro emprego**. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

PONTES, R. J. **Comportamento Epidemiológico do Sarampo no DRS-6: Estudo de Epidemia**. Dissertação de Mestrado - Departamento de Medicina Social da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1988.

ROSA, L.A. **Trabalho e trabalhadores dos canaviais: perfil dos cortadores de cana da região de Ribeirão Preto (SP)**. Programa de Bacharelado em Psicologia. Departamento de Psicologia e Educação. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP. Monografia de conclusão de curso. 2009.

RUMIN, C. R.; NAVARRO, V. L.; PERIOTO, N. W. Trabalho e saúde no agrobusiness paulista: estudo com colhedores manuais de cana-de-açúcar da região oeste do Estado de São Paulo. In: **Cadernos de psicologia social do trabalho. v.11 n.2. São Paulo, 2008.**

SCOPINHO, R. A. **Vigiando a vigilância: Saúde e Segurança no trabalho em tempos de qualidade total.** São Paulo: Annablume / Fapesp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, E. **Desgaste mental no trabalho dominado.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Cortez Editora, 1994.

SILVA, M.A.M. **Errantes do fim do século.** São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.

_____. **Se eu pudesse, eu quebraria todas as máquinas.** In: Idéias: Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: Unicamp. Ano 9(2)/10(1): 25-64, 2002.

_____. **A morte ronda os canaviais paulistas.** Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária, São Paulo; v. 33, n. 2, p. 111- 144, ago./dez. 2006.

_____. **Trabalho e trabalhadores na região do “mar de cana e do rio de álcool”.** In: Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro). São Carlos: EduFSCar, p. 55-86, 2007.

SZMRECSÁNYI, T.; QUEDA, O. **Vida Rural e Mudança Social.** São Paulo: Editora Nacional, 1979.

SZMRECSÁNYI, T. **Tecnologia e degradação ambiental: o caso da agroindústria canavieira no Estado de São Paulo.** In: Informações Econômicas, São Paulo: Instituto de Economia Agrícola, 1994.

THOMAZ JR., A. Por trás dos canaviais, os "nós" da cana: a relação capital x trabalho e o movimento sindical dos trabalhadores na agroindústria canavieira paulista. **São Paulo: Annablume / Fapesp, 2002.**

THOMPSON, P. **A voz do passado.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VETTORASSI, A. **Espaços Divididos e Silenciados: um estudo sobre as relações sociais entre nativos e os “de fora” de uma cidade do interior paulista.** Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

WHITAKER, D. C. A. **Sociologia rural: questões metodológicas emergentes.** Presidente Venceslau, São Paulo: Letras à margem, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Mapa da cidade de Pradópolis - SP, região administrativa de Ribeirão Preto - SP (INSTITUTO GEOGRÁFICO E CARTOGRÁFICO, 2008).

APÊNDICE 2

Roteiro semi-estruturado de questões para entrevistas:

1. Qual sua idade?
2. Qual sua cidade de origem?
3. Você é do sexo
4. Você considera-se da cor.....
5. Qual sua escolaridade?
6. Seu estado civil é.....
7. Você tem filhos?
8. E como era sua vida no Maranhão?
9. Comente sobre o que o motivou a sair de sua cidade.
10. Como foi esta viagem?
11. Chegando em Pradópolis, você foi direcionado a alguma moradia?
12. Como ocorreu a contratação?
13. Comente sobre sua rotina de trabalho.
14. Como é feito o pagamento deste trabalho?
15. Como você usa o seu tempo livre, sua folga?
16. Comente sobre sua saúde.
17. Como você se sente diante desta nova situação de trabalho?
18. Você tem interesse em continuar trabalhando com a cana?

APÊNDICE 3

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, autorizo o pesquisador André de Mello Galiano, aluno da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, a gravar e transcrever a entrevista concedida, e a utilizar tal material em sua pesquisa sobre o trabalho dos cortadores de cana-de-açúcar das usinas da região de Ribeirão Preto, que resultará em uma dissertação de mestrado. Autorizo, ainda, a utilização deste material em pesquisas futuras, por este ou outros pesquisadores.

Declaro, também, que tenho ciência de que minha participação se dará de forma totalmente gratuita e voluntária, pois a explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Entendo que meu nome e imagem não serão divulgados, e que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão, e sem que isso possa me penalizar de qualquer maneira futuramente.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do voluntário

Pesquisadores:

André de Mello Galiano
Rua Zina Olga Caldo Donato, 85.
Ribeirão Preto – SP fone (16) 3975.2484

Vera Lúcia Navarro
Av. Bandeirantes, 3900
Ribeirão Preto – SP fone (16) 3602.3807

APÊNDICE 4

Parecer com Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP

Of.CEtP/FFCLRP-USP. 044/2008-09/06/2008

Senhor(a) Pesquisador(a):

Comunicamos a V. Sa. que o trabalho intitulado "**TRABALHO, SAÚDE E MIGRAÇÃO: ESTUDO COM JOVENS TRABALHADORES NOS CANAVIAIS DA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO**", foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 71ª Reunião Ordinária realizada em 04/06/2008, e enquadrado na categoria: **APROVADO**, de acordo com o Processo CEP-FFCLRP nº 375/2008 – 2007.1.2502.59.1.

Atenciosamente,

Prof. Dra. ADELAIDE DE ALMEIDA
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa – FFCLRP-USP

Ilustríssimo(a) Senhor(a)
ANDRÉ MELO GALIANO
Aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Desta FFCLRP-USP

c.c: Dra. Vera Lucia Navarro – Docente do Departamento de Psicologia e Educação desta FFCLRP-USP

CEP-FFCLRP-USP - Fone: (016) 602-3653 - Fax: (016) 633-5015
Avenida Bandeirantes, 3900 - Bloco A - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil